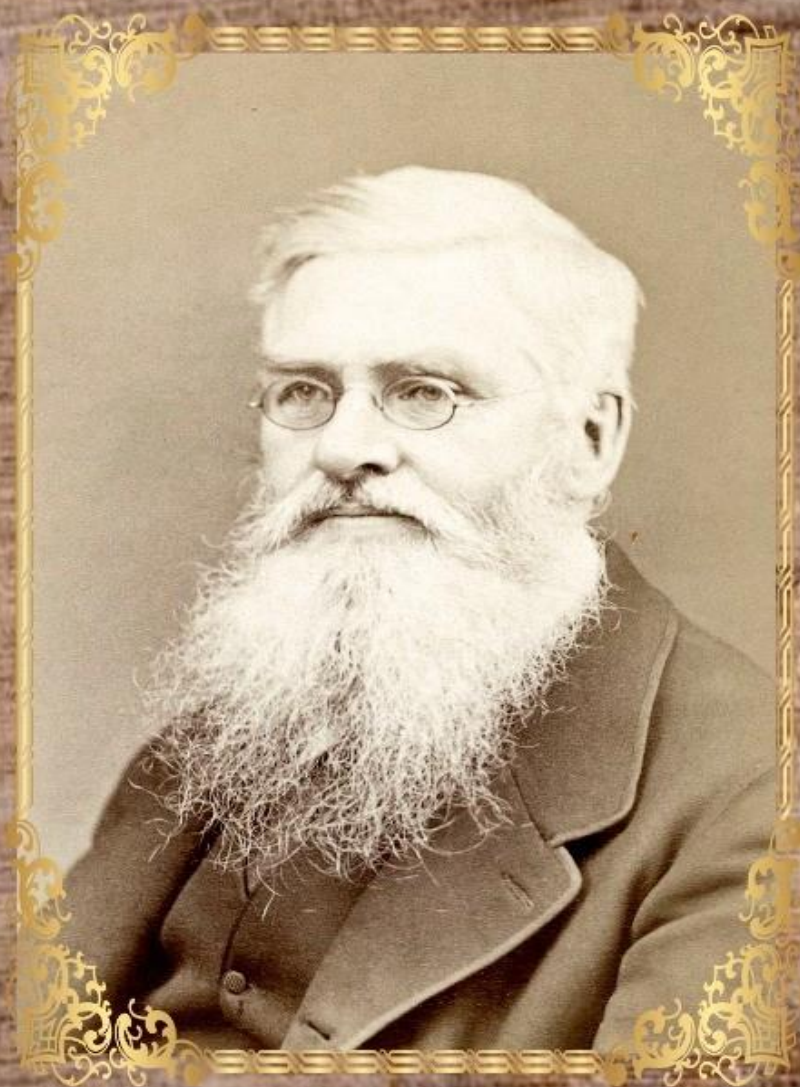


Defesa do Espiritualismo Moderno



Alfred Russel Wallace

DEFESA DO MODERNO ESPIRITUALISMO

ALFRED RUSSEL WALLACE

Lançamento original:

A Defence of Modern Spiritualism by Alfred Russel Wallace

Colby and Rich - 9 Montgomery Place.

Boston – 1874.

Lançamento original:

Defensa del Espiritualismo Moderno por Alfred Russel Wallace

Traducida del original inglés por J.A.M.

Buenos Aires (La Plata) – 1887.

Tradução: Teresa da Espanha

Revisão da Tradução: Irmãos W. e Ery Lopes

Formatação: Alexandre R. Distefano

Versão digitalizada

© 2022

Distribuição gratuita:

[Portal Luz Espírita](#)

[Autores Espíritas Clássicos](#)



*Defesa do Espiritualismo
Moderno*

Alfred Russel Wallace

Membro da Sociedade Real

*Autor da História Natural do Arquipélago Malaio, de Explorações
no Amazonas, da Teoria da Seleção Natural, etc., etc.*

PREFÁCIO DE EPES SARGENT

*Alfred Russel Wallace - Defensa del Espiritualismo Moderno
Buenos Aires (La Plata)
(1887)*

*FEDERACIÓN ESPÍRITA ESPAÑOLA
www.espiritismo.es*

**Madrid
(1931)**



ALFRED RUSSEL WALLACE (1823 - 1913)

Todo estudante do ensino médio já ouviu referências à famosa Teoria da Evolução das Espécies, mas quase todos creditam a autoria do estudo, exclusivamente ao cientista inglês Charles Robert Darwin (1809 - 1882).

A verdade é que Darwin teve seu parceiro na formulação de sua teoria, mais do que isto, teve alguém que o impeliu a publicar suas hipóteses.

Este alguém compartilhava das mesmas idéias e conclusões, eles até trocavam correspondências sobre o assunto. Esta pessoa ao publicar suas idéias no manuscrito "On the Tendency of Varieties to Depart Indefinitely from the Original Type", encaminhou-o para Darwin. O cientista, após ler aquele estudo, decidiu também publicar sua teoria, fruto de vinte anos de pesquisa, e o fez sob o título de "On the Origin of Species".

Este alguém que nos referimos foi o naturalista, geógrafo, antropólogo e crítico social Alfred Russel Wallace, oriundo do País de Gales, tendo nascido no ano de 1823 e desencarnado em 1913.

Apesar do interesse que desperta a Teoria da Evolução das Espécies e os conceitos sobre a Seleção Natural, que por vezes quer justificar alguns aspectos da evolução como obra do acaso, onde o mais forte conseguiria sempre sobreviver impondo sobre o mais fraco - teoria que descarta a possibilidade de um planejamento divino para a evolução das formas de vida - o que realmente nos interessa é a questão espiritual, na qual se envolveu Alfred R. Wallace. Tal questão transformou-o de um cético materialista, em um espiritualista convicto.

Sua porta de entrada para o Espiritualismo se deu por meio de experiências com o mesmerismo, em 1844. Em seguida Alfred viajou pelos trópicos durante doze anos, inclusive no Amazonas, realizando seus estudos sobre história natural. Nestas viagens tomou contato com os termos “mesas girantes” e “espírito batedor”. Quando retornou de sua longa viagem, imbuído de grande espírito científico, resolveu estudar aqueles assuntos com mais cuidado.

Em 1865, realizou suas primeiras experiências em busca de respostas. Para tanto, utilizou a mediunidade da britânica Mary Marshall (1842 - 1884). Por meio da médium profissional foram obtidos fenômenos envolvendo levitação de mesas e movimento de objetos sem contato, alguns encontros foram realizados em plena luz do dia. Durante o ano de 1867, a médium obteve manifestações envolvendo o Espírito John King.

Continuando sua trajetória como pesquisador, Alfred descobriu e acompanhou a educação da mediunidade de Agnes Nichol Guppy. As reuniões com a médium demoveram definitivamente qualquer desconfiança do estudioso nos acontecimentos de origem espiritual.

Em uma das reuniões com Agnes, ele recebeu uma comunicação de sua mãe, pelo método das batidas. A desencarnada afirmou que estaria presente em uma fotografia a ser tirada pelo médium e fotógrafo inglês Hudson, que seria o primeiro a obter êxito na fotografia de Espíritos na Inglaterra, no ano de 1872.

Alfred procurou o médium, escolheu todas as posições para as fotografias e concluiu:

“Estive em três sessões, em todas escolhendo o meu próprio lugar. De cada vez uma segunda figura apareceu no negativo comigo. A primeira era uma figura masculina, com um punhal; a segunda era um corpo inteiro, aparentemente a alguns pés para o lado e por trás de mim, olhando para baixo para mim e sustentando um ramo de flores. Numa terceira sessão, depois de me colocar e depois que a chapa fora colocada na máquina, pedi que a figura viesse para junto de mim. A terceira chapa mostrou uma figura feminina, de pé, junto e em frente de mim, de modo que o planejamento cobriu a parte inferior de meu corpo. Assisti à revelação de todas as chapas e em cada caso a figura “extra” começou a aparecer no momento em que o revelador era despejado, enquanto o meu retrato só se tornava visível cerca de vinte segundos depois. Não reconheci nenhuma das figuras nos negativos; mas no momento em que tirei as provas, ao primeiro relance a terceira chapa mostrou um inconfundível retrato

de minha mães - como era, na atitude e na expressão; não aquela semelhança de um retrato feito em vida, mas algo pensativa, uma semelhança ideal - ainda assim, para mim, uma semelhança inconfundível”.

O cientista passou então a participar de variadas experimentações, o que levou o periódico “Fortnightly Review” a convidá-lo para escrever um artigo sobre o Espiritualismo, em 1874. Ele escreveu um artigo sob o título “A Defence of Modern Spiritualism”.

Devido as suas crenças espiritualistas ele enfrentou diferenças com os seus colegas cientistas. Alfred acreditava em uma dimensão espiritual da mente, por conta disto Darwin teria ficado indignado e escreveu para o companheiro: “Espero que o senhor não tenha assassinado de uma vez o meu filho e o seu”.

Para Darwin, a quem é atribuído vulgarmente o crédito exclusivo da famosa Teoria, as capacidades cognitivas e mentais do homem eram produto exclusivo da seleção natural. Ele acreditava na evolução dos seres, mas limitava tal evolução à condição humana. Alfred aceitava a única verdade: a evolução não tem limites carnis, rompe as barreiras do corpo e segue para as possibilidades infinitas.

A nobreza de Alfred pôde ser percebida em duas ocasiões, quando remeteu se manuscrito para Darwin, ao invés de fazê-lo diretamente para a comunidade científica, e quando, no final de sua encarnação, afirmou que sua maior conquista tinha sido impelir Darwin a publicar seus estudos.

Licurgo S. de Lacerda Filho - A Mediunidade na História Humana

Sumário

- Um prólogo — *pág. 09*
- Um intróito — *pág. 12*
- Prefácio — *pág. 15*
- Defesa do Espiritualismo Moderno — *pág. 18*
- Esboço Histórico — *pág. 26*
- Deduções do esboço anterior — *pág. 33*
- Evidência dos fatos — *pág. 37*
- Pesquisas feitas por alguns cétricos notáveis — *pág. 48*
- Pesquisa do Comitê Dialético — *pág. 62*
- Fotografias espiritualistas — *pág. 68*
- Resumo das manifestações mais importantes físicas e mentais — *pág. 82*
- Ensinamentos morais do espiritualismo — *pág. 97*
- ADENDO
- Quem foi Alfred Russel Wallace? - Jáder Sampaio — *pág. 109*

Um prólogo

Prezado leitor, aqui em suas mãos está uma obra rara, mas não por isso menos importante, vista a relevância científica do seu autor. Em idioma espanhol é muito difícil encontrar um exemplar desta obra nas livrarias de “sebo”, e esta que aqui apresentamos é uma edição argentina de 1887.

Wallace é um dos cientistas mais eminentes que abraçaram as ideias espíritas da “Teoria da Evolução das espécies por seleção natural” junto com Darwin. Mesmo sua bibliografia sendo escassa e não merecendo a importância de outros sisudos pesquisadores, como William Crookes ou Charles Richet, visto que Wallace foi um espírita mais de estudo e divulgação, sentimo-nos honrados em apresentar aqui esta obra; a qual é muito citada nos diversos livros de Léon Denis e também nos meios espíritas em geral, sendo por isso merecedora de uma justa recuperação.

ALGUMAS PONTUALIZAÇÕES

A ortografia foi modernizada, para facilitar a leitura.

Em inglês “Spiritualism” significa espiritualismo e espiritismo ao mesmo tempo, já que não existe um termo específico para espiritismo, lembrando que essa palavra foi idealizada pelo pedagogo francês Hippolyte Léon Denizard Rivail, mais conhecido como Allan Kardec, em sua pesquisa deu início à codificação da Doutrina Espírita, com a publicação de O Livro dos Espíritos (1857).

Pelo seu valor histórico e grande relevância para o assunto em questão, vamos anotar por sua vez, as inscrições que o ex-

proprietário da obra deixou impressas no frontispício da mesma, sem saber que um dia elas iam ser lidas por milhares de pessoas.

Sem me alongar mais, desejo que esta leitura possa ser instrutiva para todos.

NOTAS DO EX-PROPRIETÁRIO

Todo mundo sabe que um ano antes de Darwin publicar seu famoso livro *A Origem das Espécies*, um famoso viajante e não menos famoso naturalista, Alfred Russell Wallace, já tinha proclamado que a seleção natural foi a causa da variabilidade das espécies; seu livro, ou melhor, memória, passou despercebido. Como explicar, então, a revolução que a obra de Darwin trouxe depois?

A teoria de Darwin baseia-se nos quatro axiomas seguintes:

- Na natureza não existem dois animais ou plantas com perfeita identidade.
- Os descendentes tendem a herdar as peculiaridades de seus progenitores.
- Dentre aqueles que chegam à vida, poucos atingem a maturidade.
- Aqueles que se adaptam bem ao meio-ambiente em torno são mais propensos a produzir descendentes.

Oh sacrossanta verdade! Todos dizem que te amam; porém como são poucos aqueles que aceitam manter-te às suas custas!...

Estou tão longe de achar inconveniente a confissão da própria ignorância quando ela realmente existe, que antes considero como uma baixeza bancar que sabemos aquilo que ignoramos, e esta baixeza foi quem encheu de inúmeras páginas inúteis, não apenas os livros de filosofia, mas também de outras faculdades. Não seria impostura, alheia a todo homem honesto, proferir como verdadeiro aquilo que é duvidoso, como claro aquilo que é escuro e, por não confessar ignorância, assinalar como causa de um efeito aquilo que

para si mesmo tem certeza de que não é possível que seja? P. Feijoó
 “Teatro Crítico Universal, página 53. Volume III. Madrid 1777.”

“Atacar a fé dos Crookes, dos Zöllner e dos Wallaces é fácil, porém é menos confortável subir ao nível onde eles estão”. **Aquiles de Poincelot.**

“Os males que infligimos ao nosso próximo nos perseguem como a sombra persegue o corpo”. **Krishna.**

“As virtudes ocultas e as estrelas inacessíveis, mesmo não sendo vistas, nem por isso deixam de brilhar.” **Marietta.**

“Não existe arma alguma tão poderosa quanto a virtude”.
Menandro.

“Para além do túmulo, não temos outro juiz nem outro carrasco a não ser a nossa própria consciência”. **León Denis.**

“Esta religião da razão e da ciência chama-se Espiritismo”.

Giuseppe Garibaldi.

Juan Boada (rubrica)

Buenos Aires, fevereiro 1898.

Um intróito

Nascido em 1823, o inglês Alfred Russel Wallace foi topógrafo e arquiteto. Aos 17 anos de idade começou a interessar-se por botânica. Aos 23 anos, iniciou viagem pelo Amazonas, ali permanecendo por dois anos. A valiosa coleção acumulada nessa expedição foi consumida pelo fogo na viagem de volta, embora Wallace tenha conservado as anotações que lhe permitiram escrever um livro sobre a Amazônia.

Viajou depois extensamente - entre 1854 e 1862 - pelo arquipélago malaio. Depois, fixou-se em seu país, dedicando-se a pesquisas científicas que divulgou em grande número de livros. Em 1858, numa reunião da Sociedade Linneana de Londres, é apresentado conjuntamente um resumo da teoria de Darwin sobre a evolução das espécies e um ensaio de Wallace sobre o mesmo assunto, tomando como base a seleção natural.

O trabalho de Wallace sobre a evolução das espécies, escrito em fevereiro de 1858, na Malaia, tem como ponto de partida o Ensaio sobre a população, de Thomas Robert Malthus. Anos depois, Wallace se afasta de Darwin, que defende a tese da "seleção sexual", preferindo a da sobrevivência do mais forte e, sob tese mais espiritualista, aceita a intervenção de causas não identificadas na evolução das espécies [Deus]. Seus trabalhos sobre a fauna oriental e austral fazem de Wallace um dos fundadores da geografia animal. Em 1892 recebeu a Medalha de Ouro da Sociedade Linneana, prêmio que se concede, todos os anos, a um botânico ou zoólogo cujo trabalho

tenha importância significativa.

Wallace Alfred R. Wallace foi introduzido ao pensamento Espiritualista de Robert Owen em sua juventude, como professor em Leicester, assistiu a uma conferência sobre mesmerismo, dada por Spencer Hall, que o levou a fazer experimentos com seus alunos, obtendo resultados que o impressionaram e marcaram o início das pesquisas que o conduziram ao exame dos fatos do espiritualismo.

No início dos anos 1850, a senhora Hayden converteu Robert Owen ao espiritualismo moderno e isto pode ter afetado a Wallace, que demonstrou interesse em realizar pesquisas sobre a mediunidade quando retornasse às ilhas britânicas. Quando voltou do exterior, em 1862, leu sobre o espiritualismo e, como a maioria das pessoas, achou que fosse tudo fraude, ilusão, estupidez. Porém, encontrou pessoas inteligentes e sadias que ora asseguravam que haviam experienciado coisas maravilhosas.

A senhora Marshall era uma médium conhecida em Londres àquela época e, após um exame detido, ficou convencido de que os fenômenos associados a ela eram perfeitamente genuínos. O aspecto científico da metafísica foi publicado em 1866 e, em 1871, ele escreveu e leu um trabalho contradizendo aos argumentos de Hume, Lecky e outros sobre os milagres para a Dialectical Society.

em 1886 Wallace viajou a Nova York para fazer conferências e visitou três sociedades espiritualistas norte-americanas, em Boston, Washington e São Francisco. Assistiu a sessões e fez contatos com os espiritualistas norte-americanos. Encontrou-se com o conhecido psicólogo William James em diversas ocasiões. Em uma delas, assistiu a uma sessão de materialização com a senhora Ross na qual apareceram muitas pessoas e objetos, como um índio, um rosto de bebê, que ele beijou, etc. Em uma outra sessão, ele identificou um primo.

Houve uma acusação de fraude da médium e Wallace escreveu em sua defesa em uma carta publicada no jornal Banner of Light. Nessa época, Wallace publicou um artigo intitulado “Estão os fenômenos do espiritualismo em harmonia com a ciência?” Wallace prosseguiu com suas publicações espiritualistas até o seu falecimento, em 7 de novembro de 1913. Alfred Russel Wallace enfrentou a intolerância de uma época, intolerância contra sua origem social, contra sua religião e mesmo contra a sua honestidade científica. **Certa vez confessou que "foi um materialista muito convicto e não admitia absolutamente a existência do mundo espiritual, mas os fatos espirituais foram coisas teimosas, eles me obrigam a aceitá-los como fatos verdadeiros, portanto contra os fatos não há contra argumentações."**

São Paulo, 15 de abril de 2022
Jorge Hessen

Prefácio

Parece que tanto o sistema moral quanto o religioso receberão, do progresso da ciência, profundas modificações no futuro. Eles se acomodarão cada vez mais aos fenômenos naturais: não apenas às descobertas do diligente materialismo, trabalhando em uma única direção, como também aos fatos transcendentais que o Espiritualismo moderno tem restaurado e demonstrado.

Uma dessas ordens de fenômenos é incompleta sem a outra; e é tão verdadeiro que o materialismo está condenado a ser circundado e transfigurado pelo horizonte mais vasto do Espiritualismo, quanto que o sistema do universo de Ptolomeu foi condenado a ser substituído pelo de Copérnico.

Os fatos impopulares costumam encontrar uma oposição tão persistente quanto aquela que segue as teorias impopulares; por essa razão os espiritualistas inteligentes não se alteram por causa do antagonismo que seus fatos têm encontrado nos Huxleys, Tyndalls, Carpenters e Buchner da nossa atualidade. – Todos estes homens, ao trabalharem pela ciência, cada um ao seu modo, mesmo com a desvantagem da ignorância de certos fenômenos de vasta significação, são bem-vindos para os espiritualistas, como cooperadores na causa da verdade; porque, descansando nos fatos, confiam em que a ciência genuína é capaz de incluir todos eles, e em que cada nova descoberta precisa estar em harmonia com aquilo que

eles reconhecem como verdadeiro. Visto que a oposição aos fenômenos, em realidade, provém apenas da falta de conhecimentos, ela somente indica a magnitude e o espantoso caráter desses mesmos fenômenos que conseguiram excitar tal incredulidade em presença de testemunhas irrefutáveis.

Entre os homens de ciência que já admitiram os fenômenos e, além dos fatos, também a teoria do Espiritualismo, encontram-se: Hare, químico; Varley, da Sociedade Real, eletricista; Flammarion, astrônomo; Crookes, da Sociedade Real, químico; Hoefle, autor da “História da Química”; Nichols, químico; Fichte, filósofo; Liais, astrônomo; Hernan Goldschmidt, astrônomo e descobridor de catorze planetas (*); Von Esenbach, o maior botânico alemão moderno; Huggins, da Sociedade Real, astrônomo-espectroscopista; De Morgan, matemático; Dille, físico; Elliotson, Ashburner e Gray, médicos e cirurgiões.

() Entendendo por planetas, corpos menores tais como asteróides.*

No entanto, a nenhum outro homem de ciência eminente o espiritualismo moderno deve mais do que a Alfredo Russell Wallace, membro da Sociedade Real, que se distingue pelas suas pesquisas em História Natural, Paleontologia e Antropologia. Sua “Defesa do Espiritualismo”, que veremos na sequência, apareceu primeiro na “Revista Quinzenal de Londres” de maio e junho de 1874. Contendo os últimos fatos, ainda não foi apresentada exposição alguma que respondesse melhor aos adversários do Espiritualismo.

Wallace, tendo chegado ao mesmo tempo com Mr. Darwin a conclusões semelhantes sobre a origem e seleção das espécies, difere dele em um ponto importantíssimo; porque ele acredita que “é preciso admitirmos uma inteligência superior para poder explicar a existência do homem”. Seu conhecimento dos fenômenos do espiritualismo dá a ele uma grande vantagem sobre Mr. Darwin na

amplitude e alcance da sua antropologia. Além da sua grande obra sobre a “História Natural do Arquipélago Malaio” e a exposição de suas “Explorações no Amazonas”, o senhor Wallace é autor da “Teoria da Seleção Natural” e de muitos artigos em jornais científicos.

O Dr. Hooker, presidente da “Associação Britânica para o Avanço da Ciência”, escreveu em 1868: “De Mr. Wallace e suas muitas contribuições para a Biologia filosófica, não é fácil falar sem entusiasmo; porque, além do grande mérito das mesmas, ele esquece em seus inúmeros escritos, com essa modéstia tão espontânea como rara, seus próprios inquestionáveis créditos ao mérito de ter originado, de forma independente, as teorias que Mr. Darwin tão habilmente defende”.

Não seria possível tratar com ligeireza ou prescindir do testemunho dos grandes fenômenos do Espiritualismo que traz um pesquisador como o Sr. Wallace. O que poderia ser replicado diante da falange de fatos que ele apresenta?

Epes Sargent

Defesa do Espiritualismo Moderno

Com grande desconfiança, porém sob imperioso sentimento do dever, o autor deste escrito aceita a oportunidade que lhe é apresentada de submeter aos seus leitores um relatório geral sobre um vasto movimento que, mesmo sendo em sua maior parte tratado com desprezo ou ridicularizado, contém em si, como acreditamos, verdades da mais vital importância para a evolução humana⁽²⁾. O assunto a ser tratado é tão vasto; as provas a que se refere são tão diversas e tão extraordinárias; as preocupações em torno delas são tão arraigadas, que não é possível fazer-lhe justiça sem entrar em pormenores abundantes. O leitor que tente a leitura das páginas seguintes poderia acaso encontrar um teste para sua paciência, porém se ele for capaz de prescindir de suas ideias preconcebidas sobre o que é possível e o que é impossível, e de se guiar apenas pela natureza do testemunho, pesá-lo cuidadosamente para aceitar ou rejeitar as provas que lhe forem apresentadas, o autor ousa acreditar que o leitor não considerará mal empregados sua paciência e tempo.

(2) As obras a seguir são as mais importantes dentre as utilizadas no preparo deste artigo: Leituras Espirituais, do Juiz Edmonds (Nova York, 1858-60); Passos na fronteira de outro mundo, de Robert Dale Owen (Trubner y Ca., 1861); Espiritualismo americano moderno, de E. Hardingen (Nova York, 1870); Terreno de debate entre este mundo e o próximo, de Dale Owen (Trubner y Ca., 1871); Relatório sobre Espiritualismo da Comissão da Sociedade Dialética de Londres (Logmans y Ca., 1871); Anuário do Espiritualismo (Boston e Londres,

1871); Arcanos do Espiritismo, de Hudson Tuttle (Boston, 1871); O repertório Espiritual (1861-74); O Periódico Espiritualista (1872-74); O médium e o despertador (1869-74).

Poucos homens em nossa atribulada época, dispõem do sossego necessário para ler grossos volumes sobre assuntos especiais. Fora dos limites de qualquer profissão ou estudo peculiar, eles adquirem grande parte dos seus conhecimentos gerais por meio da imprensa periódica literária; e essa, via de regra, fornece-lhes instrução abundante e correta, se bem de caráter geral.

Alguns dos nossos principais pensadores e operadores põem os resultados das suas pesquisas em conhecimento de leitores de almanaques e revistas; e aparecer nessas páginas como mestre autorizado é muito raramente permitido a escritor algum cujo cabedal de dados seja mesquinho ou de segunda mão. Sobre o assunto de que iremos nos ocupar, essa regra até agora nunca foi observada. A maioria das vezes não se quis ouvir aqueles que consagraram muitos anos ao exame dos fenômenos; enquanto isso, homens que não dedicaram a eles atenção suficiente, e são quase ignorantes das investigações de outros, foram os únicos em fornecer as informações a que teve acesso uma grande parte do público. Em apoio deste asserto, é necessário nos referirmos, com breves comentários, a alguns dos mais notáveis artigos onde foram discutidos recentemente os fenômenos e as pretensões do Espiritualismo.

No começo do presente ano, os leitores desta revista receberam de presente um exemplar do "Experiências do Espiritualismo" por um escritor de não pouca habilidade e visão totalmente avançada. Ele garante aos seus leitores que "conscientemente tentou entrar em atitude para discutir o assunto, assistindo a cinco sessões" de algumas das quais fornece detalhes; e conclui que os médiuns não são certamente enganadores inteligentes, mas "menestréis da

categoria mais comum"; que a mente que acredita em Espiritualismo é vítima das fraudes mais flagrantes e aceita com avidez o engano como manifestações dos espíritos; e finalmente, "que os médiuns são tão ingênuos como aqueles que eles alucinam, e caem em qualquer cilada que lhes for preparada". Agora: em presença das provas que eu tinha e na suposição de não ser possível obter provas melhores, mesmo que dedicasse à pesquisa não cinco sessões mas cinquenta, as conclusões de Lord Amberley são perfeitamente lógicas; porém, longe de ter presenciado "uma amostra do que sejam as manifestações que convencem os espiritualistas", "um conhecimento superficial da literatura do gênero, teria mostrado a ele que nenhum espiritualista de certa valia ficou convencido jamais por quantidade alguma de provas como aquelas". Nesse artigo publicado depois do texto de Lord Amberley, no "Sociedade de Londres" de fevereiro, seu autor, Mr. Dumphy, jurisconsulto e bem conhecido homem de letras, afirma:

"Difícil era para mim ceder à ideia de que objetos sólidos pudessem ser transportados invisivelmente através de portas fechadas, ou móveis pesados pudessem ser movimentados sem auxílio de mãos. Os filósofos dirão que essas coisas são completamente impossíveis: porém, é absolutamente verdadeiro que elas acontecem. Eu tenho encontrado, em casas de amigos particulares e como testemunhas desses fenômenos, pessoas cujo depoimento seria de muito peso em tribunais de direito. Entre eles havia pares, membros de sociedades científicas, químicos, engenheiros, jornalistas e pensadores de todas as classes e hierarquias. Eles sugeriram e efetuaram provas das mais rígidas e satisfatórias. Os médiuns (nenhum dos quais era profissional) foram revistados antes e depois das sessões. Além disso, chegou-se a adotar a precaução de fazê-los trocar inesperadamente de roupas. Foram amarrados e selados; foram assegurados das maneiras mais hábeis e astutas que alguém poderia imaginar; porém nenhuma fraude foi descoberta, nem foi revelada a mínima impostura. E nem existia motivo para tal impostura, visto que para o êxito ou o fracasso das manifestações, não mediava pagamento nem recompensa de espécie alguma".

Apresenta-se então aqui uma bela questão de probabilidades. Precisamos acreditar, ou que Lord Amberley é quase infinitamente mais astuto do que Mr. Dumphy e suas hostes de amigos eminentes: de modo que em cinco sessões falidas quase todas sondaram as profundezas de um mistério onde eles, apesar dos seus maiores esforços vagam ainda sem esperança, ou então que a astúcia do nobre Lord não é maior do que a astúcia combinada de todas essas pessoas; e nesse caso, a muito maior experiência destas pessoas, visto terem presenciado muitas coisas que o nobre Lord não viu, deve ser considerada como tendo maior peso; e demonstrar ao menos que todos os médiuns não são “menestréis da categoria mais comum”.

O “Novo Repertório Trimestral” de Outubro último, em seu primeiro número, publica um artigo intitulado “Uma sessão Espiritualista”, mas que é apenas a narração de certas engenhosas combinações, imitando alguns dos fenômenos habituais nas sessões, enganando e causando confusão em céticos e espiritualista. À primeira vista parece que pretende desmascarar o espiritualismo; mas na verdade é muito favorável para as pretensões dele; porque envolve a hipótese de que os maravilhosos fenômenos presenciados ocorrem realmente, e são produzidos por várias combinações mecânicas. Neste caso, as salas situadas acima, em baixo e aos lados daquela onde acontecia a sessão, deveriam estar equipadas com máquinas especiais e ajudantes que as fizessem funcionar. O aparelho, como foi descrito, não poderia custar menos de cem libras esterlinas, e mesmo assim só serviria para produzir apenas alguns fenômenos fixos, como aqueles que acontecem frequentemente em casas particulares e no gabinete de médiuns que não têm a posse exclusiva de nenhum dos cômodos adjacentes, nem dinheiro para conseguir máquinas caras e assistentes assalariados. O artigo traz em

si mesmo o selo da narração inteiramente fictícia; porém serve para demonstrar, se alguma demonstração fosse necessária, que os fenômenos que acontecem sob tão múltiplas formas e variadas condições, e com igual frequência em casas particulares como em gabinetes de médiuns, não são em modo algum produzidos por máquinas.

Talvez o ataque mais recente e notável contra o Espiritualismo foi aquele publicado na Revista trimestral de Outubro de 1871, de cujo autor sabemos que é um eminente fisiologista, e que influenciou bastante para a cegueira do público sobre a natureza real do movimento. Esse artigo após um breve resumo dos fenômenos referidos, entra em certos detalhes sobre a escrita chamada de prancheta e sobre a elevação das mesas, – fatos a que nenhum espiritualista outorga importância alguma como prova para convencer ninguém – e na sequência coloca seu ponto de vista nestes termos:

“Sustentamos, pois, que as pretensas comunicações espirituais, vêm de dentro e não de fora dos indivíduos que se supõe as recebem; que pertencem ao tipo que fisiologistas e psicólogos chamam de subjetivas; e que os movimentos com que elas se expressam, tanto se são oscilações de mesas ou escrita de prancheta, são produzidos na realidade pela ação muscular deles mesmos, exercida independentemente da sua vontade e sem eles terem consciência alguma do fato”.

Dedica a seguir várias páginas à descrição de sessões, semelhantes às de Lord Amberley, a maioria infrutíferas; e às experiências de um clérigo de Bath, que acreditava que as comunicações vinham dos demônios; e somente aduz em geral aqueles fracos e inconclusivos fenômenos que podem ser explicados pelas fórmulas banais de *“cerebração inconsciente, atenção expectante e ação muscular inconsciente”*. Alguns dos fenômenos físicos mais marcantes são mencionados apenas para questioná-los e duvidar do julgamento das

testemunhas; mas nem sequer se tentou focar a vista do leitor em dados sobre a quantidade e o peso dos depoimentos de testemunhas sobre eles, ou sobre as longas séries de diversos fenômenos que a eles conduzem e os confirmam. São citadas e censuradas certas experiências do professor Hare e de Mr. Crookes, assumindo que estes físicos experientes ignoravam os mais singelos princípios da mecânica, e deixavam de lado as precauções mais usuais. Nenhuma menção é feita dos inúmeros e variados casos de corpos pesados que se deslocam sem contato direto ou indireto com ser humano algum; apenas é citada uma afirmação de Mr. C. F. Varley, de ter visto à plena luz do dia uma pequena mesa deslocada em uma distância de 10 pés, sem ser tocada por ele e sem ninguém, além dele mesmo, estar por perto – “como exemplo de como inteligências desta ordem limitada, costumam ser enganadas pela própria imaginação”. Este artigo, como outros já citados, mostra em seu autor um esquecimento completo do princípio básico de que “um argumento não estará refutado enquanto a maior parte dele não estiver”. Na vasta massa de fatos asseverados, é claro que muito é fraco e inconclusivo, e muito não tem valor como prova concludente, a não ser para aqueles que possuem razões independentes para acreditar neles. Escolher dentre a massa incoerente argumentos que possam ser refutados e fatos que é possível explicar, é a coisa mais fácil desse mundo; porém, a que isto nos conduz? Não é isso o que chegou a convencer alguém, e sim os mais graves, frequentes e sempre provados fenômenos, aqueles que esses escritores invariavelmente omitem mencionar.

O professor Tyndall mostrou também, no seu *Fragmentos de ciência*, publicado em 1871, suas tentativas de pesquisar estes fenômenos. Mais uma vez temos uma minuciosa descrição de uma sessão ao estilo daquelas de Lord Amberley, onde o professor facilmente prevaleceu sobre alguns espiritualistas ingênuos demais,

improvisando para eles algumas manifestações do seu próprio cabedal. O artigo data de 1864. Devemos então deduzir que o professor não tem visto grande coisa da matéria a respeito da qual está falando, nem procurou se informar sobre o que outros têm visto e verificado cuidadosamente; ou então ele apenas se aventurou a considerar seu texto como digno do lugar que ocupa ao lado de investigações originais e de aumentos positivos para a ciência humana. Tanto seus fatos como seus argumentos têm sido bem contestados por Mr. Patrick Fraser Alexander, em seu folheto intitulado: *Espiritualismo: narração e discussão*, texto que recomendamos a todos aqueles que estiverem interessados em ver como uma inteligência muito sagaz e apesar disso muito despreocupada, considera os fenômenos; e como são pouco concludentes as experiências do professor Tyndall, mesmo do ponto de vista científico.

A discussão na Pall Mall Gazette, em 1868, bem como uma considerável correspondência particular, indica que os cientistas assumem quase invariavelmente, que nesta indagação deve-se permitir a eles impor condições já desde o início: e se estabelecidas essas condições nada acontecesse, isto é considerado como prova de fraude ou alucinação. Mas eles sabem muito bem que em todos os restantes campos da investigação é a natureza, e não os investigadores, quem determina as condições essenciais, e que, sem essa sujeição estrita, nenhuma experiência poderia fornecer resultados. Estas condições devem ser aprendidas, interrogando pacientemente a natureza, e são diferentes para cada ramo da ciência. E muito mais em uma investigação sobre forças sutis, onde o físico é completa e absolutamente ignorante de sua natureza! Pedir que esses ignorados fenômenos sejam tratados do mesmo modo até agora utilizado com os fenômenos conhecidos, é de fato prejudicar a

questão, assumindo que estes e aqueles são regidos pelas mesmas leis.

Da resenha acima sobre a maneira como vem sendo tratado o assunto por escritores populares e cientistas, podemos extrair com grande precisão a atitude mental deles a respeito. Eles têm visto muito pouco dos fenômenos em si, e não podem acreditar que existam outras pessoas que viram muito mais. Eles encontraram pessoas que se deixam facilmente enganar com qualquer truque inesperado, e disso tiram a conclusão de que as convicções dos espiritualistas geralmente são fundadas em fenômenos produzidos, consciente e inconscientemente, desse mesmo modo. Eles estão de tal modo firmemente convencidos, a priori, de que os mais notáveis fenômenos que se dizem acontecidos não acontecem, que irão sustentar sua convicção contra o testemunho direto de qualquer número de pessoas; preferindo acreditar que todas elas são vítimas de algum misterioso engodo, em todos os casos em que a fraude seja de fato inadmissível.

É evidente que para influir sobre pessoas com essa disposição de ânimo, o aumento do testemunho pessoal seria completamente inútil. “Eles não possuem (para usar a admirável expressão do Dr. Carpenter) em sua estrutura atual de pensamento, nenhum lugar onde tais fatos possam ser acomodados”. É preciso, então, modificar a “própria estrutura do pensamento”; e o autor destas páginas acredita que é muito mais possível conseguir isso com uma resenha histórica geral do assunto, e demonstrando por diversas vias de investigação como é vasta e variada a evidência, e como é notável o fato de estas vias convergirem para uma conclusão uniforme. Procuraremos indicar colocando exemplos característicos de todo tipo de provas, e sem exageração inessária de detalhes, a força acumulativa do argumento.

Esboço Histórico

O espiritualismo moderno data de Março de 1848, sendo essa a época em que por primeira vez houve comunicações inteligentes com a causa ignorada das batidas e outros sons, semelhantes àqueles que tinham perturbado as famílias Mompesson e Wesley nos séculos XVII e XVIII. Essa descoberta foi feita por Miss Catarina Fox, menina de nove anos, primeiro exemplo reconhecido dessas pessoas, muito numerosas hoje em dia, que recebem o nome de *médiuns*. Note-se que mesmo esta primeira “manifestação espiritual moderna” foi submetida ao confronto de um exame ilimitado pelos próprios moradores da aldeia de Hydesville, Nova Iorque. Mesmo sendo todos eles consumados céticos, nenhum deles conseguiu descobrir qualquer causa para aquelas batidas, que continuavam, se bem com menor violência, com todas as crianças longe da casa. Nada mais comum do que a ideia de ser absurdo e ilógico atribuir à ação dos espíritos as batidas cuja causa não podemos descobrir. Sem dúvida é assim mesmo quando as batidas são apenas batidas; porém, será assim tão ilógico quando as batidas são sinais, e sinais que revelam um fato, que mesmo sendo ignorado inteiramente por todos os circunstantes, acontece ser verdadeiro? Pois nessa mesma primeira ocasião, de 26 anos atrás, os sinais declaravam que o corpo de um homem assassinado estava enterrado no porão da casa; indicavam o local exato onde jazia o cadáver: e quando esse local foi escavado,

foram encontrados grandes fragmentos de um esqueleto humano. E mais ainda: os sinais forneceram o nome do assassinado, e chegou-se a averiguar e confirmar que a pessoa que tinha visitado essa mesma casa, desaparecera cinco anos atrás, sem que dali em diante houvesse notícia alguma sobre ela.

Os sinais declararam também que era ele mesmo, o assassinado, quem os fazia; e como todas as testemunhas deram-se por satisfeitas de que os sinais não eram feitos por nenhuma pessoa viva, nem era possível atribuir-lhes causa, a consequência lógica dos fatos era que o espírito da vítima fazia aqueles sinais, por muito que essa consequência parecesse improvável para alguns, e para outros sumamente absurda.

As meninas Fox chegaram a ser médiuns involuntárias; e a família, (que tinha mudado para a cidade de Rochester) acusada de fraude, propôs submeter as meninas ao exame de uma comissão formada por vizinhos eleitos em votação pública. Três comissões foram nomeadas sucessivamente, sendo a última formada por céticos violentos, que acusavam as comissões anteriores de estupidez ou cumplicidade. Porém, após um exame ilimitado, as três comissões viram-se obrigadas a declarar que não era possível descobrir a causa dos fenômenos. As batidas faziam-se ouvir no muro e no piso, enquanto as médiuns, depois de terem sido escrupulosamente revistadas pelas senhoras, *estavam em pé sobre almofadas, e com os pés descalços, e os trajés amarrados aos tornozelos*. O último e mais cético dos comitês informou que “ouviram-se batidas”, mas que foi para eles “inteiramente impossível descobrir a sua origem”. Tinham-se certificado de que não era usado “aparelho algum e de que não houve fraude; e que suas perguntas *“muitas vezes mentais”*, tinham sido respondidas corretamente”. Se consideramos que as médiuns eram duas meninas de 12 anos, e que os experimentadores eram

cidadãos americanos, consumados céticos, determinados a descobrir a impostura, e assediados por agitados comícios públicos, acaso chegaremos à convicção de que, mesmo nesse momento inicial, a questão da impostura ou alucinação ficava com certeza bem resolvida em contra dessa suposição.

Depois de um curto período de tempo, pessoas que se reuniam com as irmãs Fox descobriram que possuíam poderes semelhantes aos delas, em maior ou menor grau; e em dois ou três anos, o movimento estava espalhado por boa parte dos Estados Unidos, desenvolvendo-se em uma variedade de estranhas formas, lutando contra o ceticismo mais violento e a mais rancorosa das hostilidades, mas progredindo sempre e conquistando adeptos entre as classes mais ilustradas e de melhor educação. Em 1851 alguns dos homens mais inteligentes de Nova Iorque – juízes, senadores, doutores, advogados, comerciantes, clérigos e autores – organizaram-se em sociedade de investigação. Estava entre eles o juiz Edmonds, e mais adiante veremos uma resenha da qualidade e quantidade das provas que foram necessárias para que ele se convencesse.

Em 1854 foi formada em Nova Iorque uma segunda sociedade espiritualista, que entre seus vice-presidentes contou quatro juízes e dois médicos; isso mostra que até então o movimento já era respeitável, e pessoas de alta posição não tinham receio de se identificarem com ele. Pouco tempo depois, o professor Mapes, agroquímico eminente, foi induzido a empreender a pesquisa do espiritualismo. Ele formou um círculo de doze amigos, a maioria dos quais eram homens de talento e céticos, que concordaram em se reunirem com um médium, uma vez por semana, vinte vezes. Nas primeiras 18 noites, os fenômenos foram tão triviais e pouco satisfatórios, que a maioria dos integrantes da reunião ficou chateada por causa da perda do seu tempo; porém as duas últimas

sessões produziram fenômenos de caráter tão surpreendente, que as investigações prosseguiram *por mais quatro anos com o mesmo círculo, e todos eles tornaram-se espiritualistas.*

Nesse tempo, o movimento já se espalhara a cada parte dos Estados Unidos; e apesar dos seus seguidores serem ultrajados como impostores ou tolos, de serem expulsos em várias ocasiões de colégios e igrejas, e trancafiados como lunáticos, e de todo o movimento ser explicado ou desmascarado uma e outra vez, tem continuado a se espalhar até este momento. O segredo disso parece ser que as explicações dadas jamais foram aplicadas aos fenômenos que aconteciam continuamente em presença de inúmeras testemunhas. Um médium foi elevado no ar em uma sala repleta de pessoas e à plena luz do dia. (“Espiritualismo americano moderno”, pág. 279). Um cientista cético preparou um pequeno aparelho portátil, que podia produzir uma iluminação instantânea; levou-o a uma sessão no escuro, onde era ouvida a música tocada por vários instrumentos musicais, iluminando subitamente a sala enquanto um tambor redobrava violentamente. Ele estava convencido de que iria descobrir o impostor diante de todos os reunidos. Porém, o que todos viram foi a baqueta batendo no tambor, sem nenhum ser humano por perto: bateu mais algumas vezes, elevou-se no ar, e desceu suavemente até o ombro de uma senhora. (Op. cit. pág. 337). Em Toronto (Canadá), em sala bem iluminada, ouviu-se o acompanhamento a uma canção, tocado em um piano fechado a chave. (Op. cit. pág. 463). Comunicações eram recebidas, com letras em relevo, sobre o braço de uma serviçal iletrada, que ela não podia ler. Às vezes apareciam quando ela estava ocupada em suas tarefas domésticas, e desapareciam logo de serem lidas pelo dono da casa ou a patroa. (Op. cit. pág. 196). Cartas encerradas em qualquer número de envelopes, ou coladas umas em outras em toda a superfície

escrita, foram lidas e respondidas por certos médiuns, que tinham desenvolvido esse poder especial. Nada importava em qual língua elas estavam escritas; e existe a constância de que cartas em alemão, grego, hebreu, chinês, árabe, francês, castelhano, foram corretamente respondidas em seus respectivos idiomas por um médium que não conhecia nenhum deles⁽³⁾. (“Cartas sobre espiritualismo”) pelo juiz Edmonds, págs. 59-103, apêndice). Outros médiuns desenharam retratos de pessoas falecidas, que não tinham conhecido e das quais nunca tinham ouvido falar. Outros curavam enfermidades. Porém, aqueles que contribuíram mais à propagação da crença, foram talvez aqueles que falavam em estado de sonambulismo, desenvolvendo com poderosa e eloquente linguagem os princípios e práticas do espiritualismo, respondendo às objeções, difundindo o conhecimento dos fenômenos e induzindo assim os céticos à indagação sobre os fatos: indagação que era invariavelmente seguida de uma conversão⁽⁴⁾. Tendo ouvido repetidas vezes três desses oradores, que visitaram este país, posso testemunhar que eles são em tudo iguais, e não poucas vezes superiores aos nossos melhores talentos da tribuna e do púlpito, quer seja no apurado da sua eloquência, no compacto e lógico da argumentação, ou na prontidão em dar aos opositores as réplicas mais oportunas e convincentes. Também notáveis pela perfeita cortesia e gentileza de maneiras, e pela extrema paciência e brandura com que enfrentam a mais violenta oposição e as mais injustas acusações.

(3) Temos aqui um claro exemplo daquilo que atualmente denominamos fenômenos de xenoglossia.

(4) Para uma informação mais ampla sobre os tipos de médiuns existentes, consultar a obra O Livro dos Médiuns, de Allan Kardec.

Homens do mais alto nível e da maior habilidade, ficaram convencidos por esses diversos fenômenos. Nenhum cabedal de educação ou disciplina mental científica, médica ou forense,

conseguiu resistir a força esmagadora dos fatos, desde que investigados com método e perseverança. O número dos espiritualistas nos Estados Unidos, no conceito de terem melhores aptidões para julgar estes fatos é de oito a onze milhões. Esse é o cômputo do juiz Edmonds, que manteve uma vasta correspondência sobre esse assunto, com cada parte dos Estados Unidos. O honorável R. D. Owen, que teve excelentes oportunidades de conhecer estes dados, considera esse cômputo como aproximadamente correto; e a mesma coisa afirmam os editores do *Anuário do Espiritualismo* em 1871. Pessoas menos bem informadas afirmam que existe um exagero absurdo nessas cifras; e especialmente os estrangeiros, que têm feito pesquisas superficiais na América; mas é preciso lembrar que os espiritualistas, como corporação organizada, existem apenas em uma esfera muito limitada; e que em sua grande maioria não fazem profissão pública da sua fé, sendo que todos eles continuam sendo membros de alguma igreja nominal: circunstância que poderia enganar e muito um observador desinformado. A organização é, contudo, de considerável extensão. Em 1870 existiam na América 20 associações de Estado, 105 sociedades espiritualistas, 207 instrutores ou palestrantes, e quase o mesmo número de médiuns públicos.

O movimento avançou com não menos rapidez em outras partes do mundo.

Vários dentre os médiuns americanos mais famosos têm visitado este país⁽⁵⁾. conseguindo não somente prosélitos em todas as classes sociais, como também promovendo a formação de círculos particulares e facilitando a descoberta do poder mediúnico em centenares de famílias. Quase não existe na Europa continental cidade ou município de certa importância, onde os espiritualistas não sejam contados neste momento por centenares e até por

milhares.

(5)Ele se refere à Inglaterra, pátria de R. Wallace.

Foi dito, com suficiente autoridade, que em Paris existem cinquenta mil espiritualistas reconhecidos e dez mil em Lyon; e na Inglaterra é possível computar globalmente o número deles pelo fato de existirem quatro jornais exclusivamente espiritualistas, um só dos quais possui uma tiragem de cinco mil exemplares.

Deduções do esboço anterior

Antes de proceder à manifestação das provas que têm convencido os cétricos mais educados, consideremos por um instante o alcance do fato inquestionável de que (sem cair no exagero) muitos milhares de homens instruídos de todas as classes da sociedade e de todas as profissões, em cada uma das grandes nações civilizadas do mundo, têm reconhecido a realidade objetiva desses fenômenos; embora quase sem exceção todos os contemplassem no início com repugnância ou desprezo, como a imposturas ou alucinações. Nada existe igual a isto na história do pensamento humano; porque nunca existiu antes uma convicção tão forte e bem fundamentada em aparência, de que este tipo de fenômenos jamais aconteceram e não poderão acontecer jamais. Costuma-se dizer muitas vezes que o número de sectários de uma crença não prova que ela seja verdade. Esta observação é aplicada geralmente ao maior número das religiões cujos argumentos apelam para as emoções e a abstração, e não para a evidência dos sentidos; e com a mesma justiça é aplicada também a grande parte da ciência moderna. A quase universal crença na gravitação, e na teoria das ondulações da luz, nem por isso as torna mais prováveis em grau algum; porque, na realidade, muito poucos são aqueles que, acreditando nelas, examinaram os fatos que demonstram essas teorias do modo mais convincente, ou foram capazes de seguir e valorizar o raciocínio que poderia demonstrá-las.

A maioria das vezes existe apenas a aceitação cega de uma crença vinda da autoridade de outros. Porém, com relação aos fenômenos espirituais, o caso é bem diferente. Para a maioria das pessoas, eles são tão novos, tão estranhos, tão inacreditáveis, tão opostos a toda sua maneira habitual de pensar, tão contrários em aparência ao espírito científico prevalente em nossa época, que não podem aceitá-los; e de fato os aceitam apenas por força de evidência direta e pessoal; o qual não fazem em quase nenhuma outra rama de conhecimentos. Os milhares e milhões de espiritualistas representam, então, em sua maior parte, homens que presenciaram, examinaram e comprovaram por si mesmos as provas, uma vez e outra e outra, até que, como no início, não podiam admitir que aquilo *talvez fosse verdadeiro*. Isto explica a completa impotência das pretensas denúncias e explicações, para convencer do erro a um só sequer dentre os que acreditam. Os denunciantes e explicadores jamais conseguiram ir além das primeiras dificuldades que constituem o *pons asinorum*⁽⁶⁾ do Espiritualismo, que cada crente deve passar, mas em cujo incipiente passo de investigação nunca se consegue converter ninguém. Explicando o movimento giratório das mesas, ou as batidas, não é exercido influxo algum sobre o homem que nunca baseou naquilo as suas convicções, mas que viu, à plena luz do dia, objetos se movimentarem sem serem tocados e procederem como se fossem seres inteligentes; e que vê isso em tal variedade de formas e lugares, e sob condições tão diversas e tão extremas, que a realidade do fato chega a ser para ele tão palpável como a atração do ferro pelo ímã. Explicando a escrita automática (que a ninguém convence, além daquele que escreve, e às vezes nem sequer a ele), não podereis afetar a crença do homem que obteve a escrita quando ninguém tocava na caneta ou no lápis: ou então que viu uma mão sem corpo humano ao qual estar unida, pegar um

lápiz⁽⁷⁾ e escrever; ou, como testemunhado pelo senhor Andrew Leighton, de Liverpool, viu o lápis se erguer por si só e escrever estas palavras: *E este mundo de luta, vai afinal acabar desfeito em pó?* Por essa razão são tão poucos os casos de retratação ou de perversão no Espiritualismo, sendo possível verdadeiramente dizer que não existe nenhum. Depois de ler e pesquisar muito, não consegui encontrar um só exemplo de indivíduo que tendo adquirido um conhecimento pessoal suficiente de todas as fases principais dos fenômenos, desistisse posteriormente de acreditar na realidade deles. Se as *explicações* e as *denúncias* tivessem qualquer utilidade; e se houvesse impostura para denunciar ou alucinação para explicar, isso não poderia acontecer, desde que existe multidão de pessoas que chegaram ao convencimento da realidade dos fenômenos, embora sem aceitarem a teoria espiritual. Eles, ou ao menos a maioria, estão em uma posição de incerteza e mal-estar em sua alma, e acolheriam com agrado qualquer explicação, desde que realmente explicasse alguma coisa; porém não a encontram.

⁽⁶⁾ *Literalmente “Ponte dos asnos”, referindo-se á dificuldade encontrada em uma ciência ou em outra coisa, e que desanima para continuar.*

⁽⁷⁾ *Fenômeno de escrita direta, ver Livro dos Médiuns de Allan Kardec (Cap. XIV, n.º 8 médiuns pneumatógrafos).*

Vou mencionar, como exemplo proeminente deste tipo, o Dr. S. Lockharte Robertson, por longo tempo editor do *Periódico de Ciencia Mental*, e médico que, tendo feito das doenças mentais o seu especial estudo, não se deixaria facilmente surpreender e enganar por quaisquer alucinações psicológicas. Os fenômenos presenciados por ele 14 anos atrás eram de caráter violento: uma mesa bem maciça foi, a pedido dele e em sua própria casa, despedaçada enquanto ele segurava as mãos do médium. Procurou na sequência quebrar uma das pernas da mesa, que estava inteira, mas apesar de empregar todas as suas forças, não conseguiu. Outra mesa foi virada de pernas

para o ar enquanto todos os assistentes estavam sentados à volta dela. Teve depois uma sessão com Mr. Home e presenciou fenômenos que costumam acontecer com este extraordinário médium, como são o acordeão tocando *“a mais admirável das músicas sem a menor intervenção humana”*, *“uma mão vaporosa, que não era de nenhum dos indivíduos presentes, levantando um lápis e escrevendo com ele”*, etc., etc.; e acrescenta que *“ele não pode duvidar das manifestações físicas do (pretens) Espiritualismo, mais do que de qualquer outro fato; como da queda de uma maçã ao chão, fato que os sentidos testemunham”*. Sua narração destes fenômenos, com a confirmação de um amigo que estava ali presente, está publicada no *“Relatório da Sociedade Dialética, sobre o Espiritualismo”*, pág. 247; e em uma reunião de espiritualistas em 1870, tornou a afirmar os fenômenos, porém negou que eles tivessem origem espiritual. Para um homem assim, as explicações do *“Revistador Trimestral”* não possuem valor algum; porém é possível afirmar sem risco de exagero, que cada espiritualista avançado já viu fenômenos mais notáveis, mais variados e ainda mais inexplicáveis do que aqueles afirmados pelo Dr. Robertson; e está, conseqüentemente, muito mais longínquo do que este, do alcance dos argumentos a que fizemos referência, e que apenas podem servir em realidade para convencer àqueles que conhecem pouco ou nada sobre o assunto.

Evidência dos fatos

A questão das provas dos fenômenos objetivos do Espiritualismo é tão vasta, que apenas será possível dar aqui alguns poucos exemplos característicos, calculados para manifestar o quanto é amplo seu alcance, e com quanta energia dominam toda objeção apresentada contra eles pelos indivíduos mais céticos. Talvez fosse possível conseguir melhor este propósito dando já de início um bosquejo da carreira de dois ou três médiuns bem conhecidos; e a seguir uma resenha das experiências e investigações de alguns dos homens mais notáveis que se converteram ao Espiritualismo.

Carreira de médiuns notáveis. A senhorita Catarina Fox, a menina de nove anos que, como foi dito ao início, foi a primeira *médium*, no sentido moderno da palavra, conservou esse mesmo poder durante 26 anos. A partir dos primeiros passos do movimento, cético após cético e comitê após comitê, esforçaram-se em descobrir o engodo; mas se houve engodo, essa menina burlou todos eles, e a proverbial astúcia ianque de nada lhes serviu. Em 1860, quando o doutor Robert Chambers visitava América, sugeriu a um seu amigo, Robert Dale Owen, a ideia de usar uma balança para medir um poder de elevação. Em virtude disso e sem combinar previamente com a médium, levou consigo uma poderosa barra de aço, e pendurou nela uma mesa de sala de jantar pesando 121 libras. Então, sob uma brilhante luz de gás e com os pés das duas médiuns (Miss Fox e a irmã) junto aos pés dos cavalheiros e as mãos de todos os presentes

levantadas sobre a mesa, porém sem a tocarem, o peso da mesa aumentava ou diminuía a pedido, de modo que uma vez pesava 60 libras e outra vez 134. Esta experiência, note-se bem, era idêntica à que foi proposta pelo próprio Mr. Faraday, como prova evidente e final. O senhor Owen fez muitas sessões com a senhorita Fox, por via de prova, e as precauções tomadas por ele foram extraordinárias. Sentava-se a sós com ela; mudava de quarto sem aviso prévio; examinava cada peça da mobília; fechava à chave as portas, ajustando-as com fitas de papel secretamente seladas; segurava as mãos da médium. Nestas condições foram produzidos vários fenômenos, sendo o mais notável a iluminação de um pedaço de papel (que trouxera consigo, cortado em dimensões peculiares e secretamente marcado), deixando ver uma mão escura que escrevia no piso. A seguir, o papel ergueu-se por si só e depositou-se na mesa, aparecendo nele uma escrita legível, onde era feita uma promessa, que foi cumprida mais tarde.

Porém onde foram mostradas de modo mais notável as faculdades da senhorita Fox, foi nas sessões com o senhor Livermore, banqueiro muito conhecido de Nova York, e consumado cético antes de dar início a estas experiências. As sessões foram mais de trezentas, ao longo de mais de cinco anos, em diferentes casas (pela mudança do senhor L. e também da médium), e sob condições da mais rígida das precauções, o principal fenômeno foi o aparecimento tangível, visível e audível da figura da falecida esposa do senhor Livermore, acompanhada às vezes de uma figura masculina que pretendia ser o doutor Franklin. A primeira, era com frequência definida em extremo e absolutamente como se fosse viva. Tirou do lugar vários objetos do quarto e escreveu mensagens em cartões. Às vezes era formada de uma nuvem luminosa, e desvanecia-se depois, às vistas das testemunhas. Deixou que fosse cortado um pedaço do seu traje, que

sendo ao princípio forte e de um tecido aparentemente material, de gaze, ao pouco tempo dissolvia-se, ficando invisível. Também foram recebidas flores, que logo se desvaneciam. Estes fenômenos aconteciam melhor quando o senhor Livermore e a médium estavam a sós; porém duas testemunhas foram admitidas em certas ocasiões, as quais presenciaram tudo e confirmaram o depoimento do senhor Livermore, e o outro, um seu cunhado, cético até então. Os detalhes dessas assombrosas sessões foram publicados no *Repertório Espiritual* em 1862 e 63; e as mais notáveis podem ser lidas em *Terreno Debatível* de Owen; com esta obra é possível fazer ideia da enorme variedade de fenômenos que aconteceram e da severidade das precauções tomadas.

A senhorita Fox veio faz pouco tempo à Inglaterra e aqui também os seus poderes foram testados por um competente cientista⁽⁸⁾, e foi comprovado que esses poderes são em tudo iguais ao que sobre eles se tem falado. Ela agora é casada com um jurisconsulto inglês, e alguns daqueles fenômenos estranhos que a têm acompanhado por tanto tempo, associa-se agora ao seu filho infante, mesmo quando a mãe não está presente, para grande alarme da babá. Temos aqui, então, uma carreira de 26 anos de mediunidade, do mais notável e variado caráter; mediunidade que tem sido esquadrinhada e testada desde o primeiro momento da sua manifestação até hoje, com um resultado invariável, a saber: que jamais foi descoberta impostura ou tentativa de impostura, e que jamais foi sugerida causa alguma que justifique esses fenômenos, a não ser aquela apresentada pelos espíritas.

⁽⁸⁾ *Provavelmente Wallace se refere às experiências feitas por William Crookes com Catherine Fox.*

O senhor Daniel D. Home é talvez o médium melhor conhecido no mundo, e suas faculdades sempre estiveram abertas a todo e

qualquer exame, ao menos por 20 anos. Faz 19 anos que Sir David Brewster e Lord Brougham fizeram com ele uma sessão; sendo esses dois cavalheiros bastante perspicazes e eminentes observadores, e por suposto, cétricos intransigentes. Felizmente temos em *Vida doméstica de Sir David Browster* a sua própria narração do acontecido na sessão daquele dia: - “Vi o suficiente para me convencer de que tudo podia ser feito com as mãos e os pés”. Ele diz: “A mesa elevou-se do piso sem que mão alguma houvesse sobre ela; e uma campainha pequena foi colocada de boca sobre o tapete, e começou a tinir quando nada a poderia ter tocado. A campainha foi então colocada no outro lado, sempre sobre o tapete, veio até onde eu estava e colocou-se por si só em minha mão. Fez a mesma coisa com Lord Brougman”. E acrescenta, falando em nome de ambos, “não conseguimos encontrar explicação para esses fatos, nem alcançamos a conjecturar sobre como poderiam ser produzidos por meio de mecanismo de espécie alguma”. Por boca do autor de *Cartas sobre a magia natural*, este depoimento não deixa de ser ótimo.

Estes fenômenos e outros ainda mais surpreendentes vêm sendo repetidos até hoje milhares de vezes, e quase sempre em casas particulares que o Sr. Home visita. Todos afirmam que ele oferece as maiores facilidades para a investigação; e eu mesmo pude testemunhar isso, sendo convidado por ele para examinar, da maneira mais escrupulosa que eu quisesse, um acordeão que ele segurava com uma de suas mãos, com as chaves para baixo, e que nessa posição invertida tocava com a maior doçura. Porém, talvez o fenômeno melhor comprovado e mais extraordinário de todos os que são relacionados com a mediunidade de Mr. Home, seja aquele chamado *a prova de fogo*. Em estado sonambúlico e, de um fogo bem aceso, pega pela parte mais candente uma brasa, que carrega pelo quarto todo, para todos poderem ver e sentir que é uma brasa de

verdade. Isto foi presenciado por Mr. H. D. Jencken, Lord Lindsay, Lord Adare, Miss Douglas, Mr. S. C. Hall e muitos outros. Porém, mais extraordinário ainda, ele pode, enquanto nesse estado, descobrir em outra pessoa esse mesmo poder, ou transmiti-lo a essa pessoa. Em certa ocasião, um pedaço de carvão aceso foi colocado sobre a cabeça de Mr. S. C. Hall, em presença de Lord Lindsay e de quatro testemunhas. A senhora Hall, em carta ao conde de Dunraven (publicada no Repertório Espiritual, 1870, pág. 178, diz:

“O senhor Hall estava sentado quase defronte de mim, vi o senhor Home, após ter ficado em pé coisa assim como meio minuto atrás da cadeira do senhor Hall, colocar de propósito na cabeça dele uma brasa de carvão ardente! Muitas vezes fiquei admirada de naquele momento eu não ter me assustado; mas não me assustei: estava perfeitamente convencida de que ele não sofreria dano algum. Alguém falou: não está queimando? O senhor Hall respondeu: está quente, porém não muito. O senhor Home afastara-se um pouco, mas aproximou-se de novo, ainda em estado sonambúlico; sorriu, parecia muito satisfeito e começou a estender os brancos cabelos do senhor Hall, e o carvão, rubro ainda, deixava-se ver debaixo deles”.

Quando retirou a brasa da cabeça, onde não sofreu o menor ferimento, e nem sequer teve o cabelo chamuscado, outros quiseram tocá-la porém queimaram os dedos. Lord Lindsay e a senhorita Douglas também, receberam em suas mãos brasas acesas; e contam terem sentido como se elas estivessem mais frias do que quentes; apesar de que ao mesmo tempo queimavam qualquer outra pessoa, e faziam sentir muito calor no rosto das pessoas que as seguravam, tanto que, se as aproximassem muito, teriam sua pele abrasada. As mesmas testemunhas afirmam que o senhor Home guardou brasas incandescentes nos bolsos do colete, sem queimar o tecido, e colocou seu rosto sobre o fogo, de modo que seus cabelos ficavam por entre as chamas, sem que eles se chamuscassem nem um pouco. É possível dar-se transitoriamente aos objetos inanimados esse mesmo poder

de resistência ao fogo. O senhor H. Nisbet, de Glasgow, afirma (*Natureza Humana*, Fevereiro 1870) que em sua própria casa, em Janeiro de 1870, o senhor Home colocou uma brasa ardente nas mãos de uma senhora e de um cavalheiro, e eles afirmaram que só estava quente; depois colocou essa mesma brasa sobre um jornal, que queimou deixando um buraco em suas oito dobras. Pegou então um novo carvão aceso e colocou-o sobre o mesmo jornal, que passou pelo quarto todo por três minutos, e esta vez observou-se que o papel não tinha a mínima queimadura. O depoimento de Lord Lindsay não poderia deixar de ter certo valor, por ser um dos poucos nobres que fazem trabalhos realmente científicos; ele declara que, além disso, em oito sessões segurou em sua própria mão carvões incandescentes colocados pelo senhor Home, sem sofrer qualquer ferimento. O senhor W.H. Harrison (*Espiritualista*, de Março 15, 1870), viu como ele pegava uma enorme brasa, cobrindo toda a palma da sua mão, e com seis ou sete polegadas de espessura. Enquanto andava pelo quarto, o rubro resplendor da brasa refletia-se nas paredes, e quando se aproximou da mesa, todos os assistentes sentiram o calor em seu rosto. Segurou o carvão aceso em sua mão por cinco minutos. Estes fenômenos aconteceram vintenas de vezes em presença de vintenas de testemunhas. São fatos sobre os quais não pode haver qualquer dúvida, e absolutamente inexplicáveis pelas leis conhecidas da fisiologia e do calórico.

Os poderes do senhor Home foram testados pelo senhor Cox e o senhor Crookes, por separado, e ambos cavalheiros declaram enfaticamente que ele convida para o exame e a crítica. O senhor Cox, em sua casa, ouviu um acordeão novo (comprado naquele dia por ele mesmo) tocando sozinho, em suas próprias mãos, enquanto o senhor Home tocava piano. O senhor Home pegou na sequência o acordeão em sua mão esquerda, com as chaves para baixo, enquanto tocava

piano com sua mão direita, e o acordeão tocou belissimamente o acompanhamento do piano, por não menos de um quarto de hora. (¿O que sou? Vol. II, pág. 388).

Quanto à possibilidade de estes fatos serem produzidos artificialmente, ou por meio de argúcias, se fosse necessária outra prova além da simples narração deles, temos a seguinte, do senhor T. Adolf Trollope, que diz: “Posso citar também que Bosco, um dos maiores prestidigitadores de todos os tempos, falando comigo sobre este assunto, considerou completamente absurda a ideia de que fenômenos como aqueles que eu presenciei com o senhor Home, pudessem ser obtidos através de nenhum dos recursos de sua arte”.

A vida do senhor Home tem sido em sua maior parte uma vida pública. Ele passou bastante tempo hospedado em residências de pessoas importantes e de talento, e entre seus amigos contam-se muitos homens eminentes das ciências, da literatura e das artes, homens que no tocante a poder de percepção e raciocínio, com certeza não são inferiores àqueles que, sem terem presenciado os fenômenos, recusam-se a acreditar na realidade dos mesmos. Ele tem estado sujeito por 20 anos ao perspicaz escrutínio e incessante suspeita de inúmeros investigadores; e no entanto, jamais foi possível encontrar prova alguma de fraude, ou de uso de qualquer partícula de mecanismo ou aparelho algum. Mas os fenômenos são tão extraordinários que, a serem imposturas, não seria possível a sua produção sem auxílio dos mais complicados, variados e volumosos mecanismos, cujo manejo exigiria não poucos braços auxiliares. A teoria que não vê nesses fenômenos outra coisa além de alucinações, é também insustentável, a não ser admitindo como fato a completa impossibilidade de discernir o que é ilusório do que é real.

O último médium sobre cuja carreira chamo a atenção, é a senhora Guppy – antes senhorita Nichol – e, neste caso, posso dar algum

depoimento pessoal. Conheci a senhorita Nichol antes de ela ter ouvido falar em espiritualismo, em mesas falantes, ou em coisa alguma dessa espécie, e a primeira vez que se veio a descobrir o seu poder, foi quando pedimos que ela se sentasse para fazer experiências em minha casa. Isso foi em Novembro de 1868, e por alguns meses tivemos constantes sessões, onde eu pude observar e provar a evolução do seu desenvolvimento. No início, fiquei satisfeito com o fato de que uma mesinha, onde três ou quatro pessoas – incluindo a senhorita Nichol – colocaram suas mãos, foi elevada completamente do chão. Para maior segurança de que ninguém poderia levantar a mesinha com os pés, eu tinha amarrado ocultamente fios e tirinhas de papel muito finas que, sem dúvida, seriam rasgadas com o menor esforço feito para empregar aquela argúcia. A mesa, no entanto, elevou-se a plena luz do dia, a não menos de um terço de vara sobre o piso. Para mostrar isto a alguns amigos de um modo mais claro, fiz um cilindro de aros e papel de embrulho, e coloquei a mesa dentro dele, de modo que não podia ser tocada por pés ou vestidos das pessoas presentes; e ela elevou-se tão livremente como da outra vez. Talvez seja mais maravilhoso o fato de se colocar a senhorita Nichol sobre a mesa; pois mesmo tendo acontecido no escuro, as condições que vamos referir deixavam impossível qualquer fraude.

Vou referir uma sessão da qual conservo anotações. Sentamo-nos em casa de um amigo, ao redor de uma mesa de centro e sob um candelabro de cristal. Um dos meus amigos, que não conhecia nenhum dos assistentes, sentou-se ao lado da senhorita Nichol e segurou as duas mãos dela. Outra pessoa estava com os fósforos prontos para acender a luz no instante em que fosse necessário. Aconteceu o seguinte: primeiro, a cadeira da senhorita Nichol foi retirada de baixo dela, vendo-se ela obrigada a ficar em pé, e com

suas mãos ainda seguradas pelas mãos do meu amigo. Dali a um ou dois minutos, escutei um barulho leve, como aquele que causaria uma pessoa colocando um copo de vinho sobre a mesa, e ao mesmo tempo um leve rumor de vestidos e o estremecimento dos prismas de cristal pingentes do candelabro. Imediatamente o meu amigo disse: *ela me deixou*. Uma luz foi acesa naquele instante e vimos a senhorita Nichol calmamente sentada em sua cadeira no centro da mesa, e com sua cabeça quase tocando o candelabro. Meu amigo falou que achava que a senhorita Nichol se deslizara insensivelmente de suas mãos. Ela era muito gorda e pesada, e o fato de colocar sua cadeira sobre a mesa, acomodar-se ela mesma no assento, no escuro, sem fazer barulho, e quase instantaneamente, e além disso, sendo rodeada, bem de perto, por cinco ou seis pessoas, foi considerado por mim, e ainda agora considero, conhecendo-a perfeitamente, um impossível físico.

Outro fenômeno muito belo y curioso foi a produção de delicados sons musicais, sem que houvesse na sala objeto algum calculado para produzi-los. Em uma ocasião esteve presente uma senhora alemã que nunca tinha visto a senhorita Nichol, e que jamais tinha estado presente em nenhuma sessão. Entoou várias canções alemãs, e em todas foi acompanhada pela mais delicada música, como se alguma caixa musical das fadas se encontrasse ali. Cantou umas seis canções escolhidas por ela mesma, e obteve esse acompanhamento em cada uma delas. Isto acontecia no escuro, porém naqueles momentos nós estávamos de mãos dadas.

O traço mais notável da mediunidade desta senhora, é o surgimento de flores e frutas em salas fechadas. A primeira vez que aconteceu isso foi em minha própria casa, bem no começo do seu desenvolvimento. Todos os presentes eram amigos meus. Sendo em pleno inverno, a senhorita Nichol tinha chegado cedo para o chá, e

ficou conosco em uma sala muito abrigada e iluminada por gás, quatro horas antes do surgimento das flores. O fato essencial é que sobre uma mesa descoberta em uma saleta fechada e escura (o quarto contíguo e o corredor estavam bem iluminados) apareceu grande quantidade de flores que não estavam ali poucos minutos antes, quando nós apagamos a luz de gás. Eram anêmonas, tulipas, crisântemos, rosas chinesas, etc. Todas elas perfeitamente frescas, como recém retiradas de um lugar de conservação. Estavam cobertas por gotas de sereno frias e miúdas. Nem uma só pétala estava rasgada ou amassada, não estava fora do seu lugar nem o mais delicado estame ou a mais fina fibra. Eu sequei e conservei todas, e trouxe com elas a declaração de todos os assistentes, de que nenhum deles tivera qualquer participação voluntária em trazer aquelas flores para a sala. Acreditava então e ainda acredito agora, ser absolutamente impossível para a senhorita Nichol a ocultação daquelas flores por tanto tempo, a conservação tão perfeita das mesmas, e acima de tudo, tê-las apresentado inteiramente cobertas por uma belíssima camada de gotas de sereno, justamente igual àquela formada em um dia de muito calor, nas paredes externas de um copo cheio de água muito fria.

Fenômenos semelhantes têm acontecido depois, centenas de vezes, em muitas casas e sob diversas condições. Às vezes, as flores eram amontoadas em grandes quantidades, sobre uma mesa. Frequentemente apareciam as flores ou frutas que eram pedidas. Um dos meus amigos pediu uma “flor do sol” e sobre a mesa caiu uma de cerca de seis pés de altura, com as raízes rodeadas de grande quantidade de terra. Uma das mais surpreendentes provas aconteceu em Firenza, com o senhor T. Adolf Tropolle, a senhorita Tropolle, a senhorita Blahden e o coronel Harvey. A sala foi revistada pelos cavalheiros: a senhorita Guppy foi despida e tornada a vestir pelas

senhoras, e cada parte das suas roupas foi examinada. O senhor e a senhora Guppy foram solidamente segurados, enquanto estavam perto da mesa. Dali a uns dez minutos, todos falaram que sentiam cheiro de flores e, acendendo uma lâmpada, foi visto que os braços da senhora Guppy e do senhor Tropolle estavam cobertos de narcisos que enchem a sala com seu perfume.

Tanto o senhor Guppy como o senhor Tropolle contam esta ocorrência quase nos mesmos termos. (*Relatório da Sociedade Dialética sobre Espiritualismo*, pág. 277 e 372).

Com certeza esses são fenômenos sobre os quais não pode haver equívoco. ¿Quais as teorias já apresentadas pelos nossos mestres cientistas, que sequer tentassem uma explicação para eles? Ilusão não pode ser, desde que as flores são reais e podem ser conservadas; e uma impostura, dadas as condições descritas, é mais inacreditável ainda. Se os cavalheiros que deram um passo à frente para ilustrar o público na questão das *pretensas manifestações espirituais*, não conhecem os diversos tipos de fenômenos que temos indicado, e o peso dos depoimentos em que eles se apóiam, sem dúvida não possuem as condições de aptidão requeridas para a tarefa que empreenderam. Nem posso admitir por um instante sequer a suposição de que, conhecendo estes fenômenos, ocultam esse conhecimento e somente presenciam trivialidades fáceis de serem deixadas em ridículo.

É bom, antes de concluirmos essa parte do nosso estudo, fazer observar o fato da marcada individualidade de cada médium. Eles não são plagiários e nem imitadores um do outro, mas sim cada um desenvolve uma série característica de fenômenos. Esse fato fala bem alto, sugerindo a ideia de algum oculto poder inconsciente no indivíduo, e excluindo por completo a ideia da fraude ou alucinação, onde quase invariavelmente são copiados modelos preexistentes.

Pesquisas feitas por alguns céuticos notáveis

Ao informar sobre o modo como alguns dos conversos mais notáveis foram convencidos pelo Espiritualismo, temos naturalmente de nos limitarmos àqueles que falaram em público sobre a questão. Primeiro vou me ocupar do caso do eminente advogado americano, honorável senhor W. Edmonds, chamado comumente de juiz Edmonds; e não será por demais que os céuticos saibam o que pensam dele seus próprios patrícios. Quando ele se tornou espiritualista, foi violentamente atacado, e mesmo chegou a ser acusado de consultar os espíritos para suas decisões judiciais. Publicou em sua defesa uma *Apelação ao público*, explicando exaustivamente as pesquisas que motivaram sua conversão.

Falando sobre essa defesa, declarou ao *Espelho da Tarde*, jornal de Nova Iorque: “George W. Edmonds, presidente da Corte Suprema deste distrito judicial, é um advogado competente, juiz laborioso e um bom cidadão. Ocupando os mais elevados cargos judiciais nos últimos oito anos, ininterruptamente, ninguém poderia acusá-lo, com justiça, quaisquer que fossem as suas faltas, de escassez de habilidade, laboriosidade, honestidade ou independência. Ninguém pode duvidar da sanidade geral de sua mente, ou acreditar por um só momento que as operações ordinárias do seu pensamento não são tão rápidas, seguras e dignas de confiança como sempre foram.

Tanto os homens do fórum como os litigantes que comparecem em sua Corte, reconhecem-no de fato e por direito de mérito, como cabeça da Corte Suprema desse distrito”. Poucos anos depois, publicou em *The New York Tribune* uma série de cartas sobre Espiritualismo; e na primeira delas fornece um resumo compacto sobre seu modo de investigação. Dela são extraídas as passagens a seguir. E devemos ter presente que quando ele começou as pesquisas contava 52 anos de idade e estava, portanto, em seu pleno desenvolvimento e vigor de vida intelectual.

“Foi em janeiro de 1851 quando iniciei minha investigação, e somente em abril de 1853 vim a acreditar firmemente na realidade da comunicação espiritual. Nestes 27 meses, durante 23 presenciei várias centenas de manifestações em diversas formas. De muitas delas conservo memorandos bem detalhados e cuidadosos. Sempre que comparecia em algum círculo, meu costume era tomar anotações a lápis de tudo o que acontecia, até onde me fosse possível, e tão logo voltava para casa escrevia detalhadamente tudo que tinha presenciado. Isto era feito por mim com tanta minuciosidade e escrupulosidade como costumava usar quando tomava anotações para um julgamento que pendesse ante mim. Desse modo, nesse espaço de tempo, conservei a narração de mais de 200 entrevistas, com cerca de 1.600 páginas manuscritas. Essas entrevistas foram mantidas por mim com muitos médiuns diferentes, e em ilimitada variedade de circunstâncias. Não havia duas entrevistas que fossem parecidas. Sempre surgia alguma coisa nova, ou diferente do que acontecera antes, e eram raras as vezes em que as pessoas presentes fossem sempre as mesmas. As manifestações eram quase de cada uma das formas conhecidas, físicas ou mentais: às vezes de uma só delas, outras, de ambas combinadas.

Lancei mão de quanto recurso poderia ser imaginado para descobrir qualquer fraude, e para me precaver de alucinações. Sentia em mim mesmo, e observava em outros, a excitação produzida pelo fato de haver comunicação com os mortos, e trabalhei para evitar qualquer predisposição indevida ou parcialidade alguma no meu julgamento. Fui, por vezes, crítico e capcioso até um grau injustificável; e quando a crença era provocada em mim, como aconteceu inúmeras vezes, recusei-me a ceder a tudo o que não fosse uma

evidência que não deixasse lugar possível à suspeita.

Eu era extremamente exigente nas condições que demandava: e muitas vezes, comparecendo em um círculo com alguma dúvida interna sobre as manifestações de um círculo anterior, acontecia alguma coisa encaminhada diretamente a destruir essa dúvida, a qual era dissipada tão completamente, que parecia então que não existia mais motivo algum para continuar duvidando. Mas eu voltava para casa, redigia cuidadosamente minhas anotações daquela noite, que meditava por vários dias, comparava-os com as anotações anteriores, finalmente encontrava algum resquício, alguma possibilidade de existir qualquer coisa que não fosse influxo espiritual; e logo comparecia em um novo círculo com uma nova dúvida e uma nova série de pesquisas.

Às vezes não posso deixar de sorrir ao recordar a engenhosidade e sutileza que desperdicei inventando meios e modos de evitar a possibilidade de fraude.

Um traço característico das minhas pesquisas era que cada objeção possível que eu pudesse apresentar, logo no começo ou no final, era considerada e respondida.”

Os extratos seguintes são da *Apelação ao público*:

“Eu já vi uma mesa de mogno, sustentada por um pé no centro e com uma lâmpada acesa sobre si, se elevando do chão não menos de 30 cm apesar dos esforços feitos pelos assistentes, e ser agitada para a frente e para trás, como alguém poderia agitar um copo em sua mão, e apesar disso a lâmpada conservou sua posição, mesmo fazendo soar seus prismas pingentes de vidro.

Já vi uma cadeira de mogno ser deitada de lado e rapidamente agitada no chão para a frente e para trás e vice-versa, em uma sala onde ao menos uma dúzia de pessoas estavam sentadas, sem que no entanto nenhuma delas fosse tocada; e muitas vezes a cadeira parou a poucas polegadas de distância de mim, quando era deslocada com tamanha violência, que se não fosse detida, teria quebrado as minhas pernas.”

Tendo ficado satisfeito no tocante à realidade dos fenômenos físicos, examinou a questão: “de onde vem a inteligência tão notavelmente ligada a eles?”

“Antes de comparecer em um círculo, sentei-me a sós em meu quarto, e preparei cuidadosamente uma série de questões para serem propostas, e fiquei

surpreso encontrando respondidas todas elas justamente na mesma ordem em que eu as escrevera, sem sequer ter tirado o papel do meu bolso, e quando nenhuma das pessoas presentes sabia que eu tinha preparado questões, e muito menos ainda quais eram elas. Meus pensamentos mais secretos, aqueles sobre os quais nunca dissera uma só palavra a nenhum homem ou mulher mortal, foram livremente aludidos como se eu os tivesse expressado; e fui advertido de que não existe pensamento em mim que não seja conhecido e não possa ser revelado pela inteligência que assim se manifestava.

Ocorria-me, no entanto, esta dúvida: não poderia tudo isto ser um mero reflexo da mente de algum dos circunstantes, produzido por alguma misteriosa operação? A resposta foi que os fatos comunicados não eram conhecidos até aquele momento, sendo depois confirmados como verdadeiros; como, por exemplo, este a seguir:

- Quando estive ausente na América Central, no inverno passado, meus amigos daqui receberam mediunicamente notícias sobre o meu paradeiro e a minha saúde, em várias ocasiões; e ao meu retorno, comparando suas notícias com as anotações do meu diário, revelou-se que eram invariavelmente corretas. Também foram expressados pensamentos que não estavam em minha mente e que diferiam por completo das minhas próprias ideias. Isto aconteceu com frequência, comigo e com outros; de modo a ficar plenamente estabelecido o fato de não serem os nossos pensamentos que produziam ou afetavam a comunicação”.

Esses poucos extratos manifestam suficientemente que o autor não perdia de vista as fontes possíveis de erro em tais pesquisas; e os pormenores fornecidos nas cartas provam que ele estava permanentemente em guarda contra elas. Ele e sua filha chegaram a ser médiuns; de modo que ele obteve depois pessoalmente e por si só a confirmação de muitos daqueles fenômenos. Porém todos os que ele cita nas cartas e na Apelação, aconteceram em presença de outras pessoas, que também deram testemunho deles, deixando assim anulada a possibilidade de esses fenômenos serem subjetivos.

É preciso acrescentar ainda a menção daquele que, para muitas pessoas, será a mais surpreendente e convincente dentre as

experiências do juiz. Sua própria filha chegou a ser médium dotada da faculdade de falar línguas estrangeiras que ignorava completamente. Diz ele: “Não conhece outras línguas além da própria, e um pouquinho do francês que é dado nas escolas femininas: porém ela tem falado nove ou dez línguas, às vezes por uma hora inteira, com a facilidade e a abundância de um nativo dos países que falam essas línguas. Não poucas vezes acontece que estrangeiros conversam através dela com espíritos amigos, na língua deles”. Devemos apresentar um desses casos:

“Uma noite, com umas doze ou quinze pessoas em minha sala, o senhor E. D. Green, artista desta cidade, foi anunciado junto com um cavaleiro que se apresentou com o nome de Mr. Evangelides da Grécia. Dali a pouco, um espírito falou com ele em inglês, por meio de Laura, e disse a ele tantas coisas, que conseguiu identificá-lo como um amigo seu falecido em sua casa poucos anos atrás; nenhum de nós ouvira nunca falar dele. De vez em quando o espírito falava pela boca de Laura uma palavra ou frase em grego, até que o senhor Evangelides perguntou se poderia ser compreendido falando grego. O resto da conversa foi, por mais de uma hora, toda em grego por parte dele; e por parte de Laura, umas vezes em grego e outras em inglês. Às vezes Laura não entendia a ideia expressada por ela mesma ou por ele; e às vezes entendia, mesmo que ele falasse em grego, e entendia também o que ela própria falava na mesma língua”.⁽⁹⁾

⁽⁹⁾A tradução é um tanto confusa neste parágrafo, talvez o que se quer dizer é que a médium Laura comunicava-se em grego (fenômeno de xenoglossia) com o senhor Evangelides, presente na sala.

Outros vários casos são citados, e afirma-se que esta senhora já falou espanhol, francês, inglês, grego, italiano, português, latim, húngaro e hindu, além de outros idiomas que nenhuma das pessoas presentes conhecia.

Este não é, por certo, um caso único; porém é apresentado aqui por estar apoiado em autoridade irrecusável. Um homem deve saber se sua própria filha aprendeu ou não a falar, com facilidade e correção,

oito línguas diferentes além da própria. Os interlocutores devem saber se sua língua é ou não aquela em que se fala com eles; e em muitos casos, como no latim, espanhol ou hindu, o próprio juiz entendia aquela língua. E o fenômeno é ligado ao Espiritualismo, visto que as expressões eram faladas em nome de alguma pessoa morta; eram usadas sempre em primeira pessoa, como se ela mesma estivesse falando, e versavam sobre questões características daquela pessoa. Um caso desta natureza, publicado desde 16 anos atrás, devia ter sido tomado em consideração e explicado por aqueles que fazem profissão de ilustrar o público sobre o tema do Espiritualismo.

Um dos mais recentes conversos ao Espiritualismo, sendo, ao mesmo tempo, um dos mais úteis, será o próximo exemplo. O doutor George Sexton, médico e advogado, foi por muitos anos ajudante de Mr. Bradlaugh, e um dos mais diligentes e enérgicos mestres secularistas. O célebre Robert Owen foi o primeiro em chamar sua atenção sobre o Espiritualismo, uns 20 anos atrás. Ele leu livros, presenciou boa parte das manifestações físicas comuns; mas sempre “suspeitava do uso de truques pelos médiuns, e acreditava que tudo aquilo não passava de hábil combinação, por meio de mecanismos ocultos”. Pronunciou várias palestras contra o Espiritualismo, e no estilo usual dos não-crentes, insistia muito sobre o trivial e absurdo dos fenômenos, ridicularizando a ideia de serem causados pelos espíritos.

Veio então outro amigo seu e companheiro secularista, o senhor Turley, que após pesquisar sobre o assunto com o propósito de desmascarar a fraude, acabou acreditando firmemente. O doutor Sexton riu muito dessa conversão, porém sua mente ficou profundamente impressionada. Dez anos se passaram, e sua primeira investigação a sério foi nesse momento com os irmãos Davenport; e não será perda de tempo para aqueles que desdenham

estes muito ultrajados moços, tomar nota da seguinte narração dos processos seguidos contra eles pelo doutor Sexton, e em especial do fato de eles terem se submetido de boa vontade a cada uma das provas e precauções que o doutor desejava seguir. Diz assim:

“Meu sócio – o doutor Barker – e eu, convidamos os irmãos às nossas casas, e para nos prevenirmos contra qualquer fraude, exigimos a eles não trazerem cordas, instrumentos ou qualquer outro aparelho: estávamos decididos a fornecê-los nós mesmos. Além disso, como eles eram quatro, isto é, os dois irmãos Davenport, o doutor Fay e o doutor Ferguson, tivemos a suspeita de que os dois que não eram citados pudessem, em realidade, fazer tudo. Pedimos, por conseguinte, que somente viessem dois. Eles se submeteram sem vacilação a essas exigências.

Formamos círculos compostos exclusivamente por membros da nossa família e por alguns amigos particulares, com a única exceção da senhora Fay. No círculo unimos todas as mãos; e como essa senhora estava sentada em um dos extremos, ficava com uma de suas mãos livre, enquanto eu segurava a outra. Pensando que com a mão livre ela poderia talvez ajudar, pedi como favor que ela me permitisse segurar as suas duas mãos, no que ela imediatamente concordou.

Agora, sem entrar a expor aqui tudo o que aconteceu, basta dizer que amarramos os médiuns com nossas próprias cordas; colocamos seus pés sobre folhas de papel de escrever, e traçamos linhas no contorno dos sapatos, de modo que em caso de tirarem os pés do lugar, fosse impossível tornar a colocá-los na mesma posição; colocamos moedas sobre a ponta dos seus pés; lacramos as cordas, e tomamos todo tipo de precauções possíveis para evitar que eles se locomovessem.

Na ocasião que estou citando, estavam presentes o senhor Bradlaugh e o senhor Charles Wats; e quando foi retirada a sobrecasaca do senhor Fay, enquanto as cordas permaneciam em suas mãos, o senhor Bradlaugh pediu que a sua sobrecasaca ⁽¹⁰⁾ fosse vestida no senhor Fay, o qual foi feito imediatamente, enquanto as cordas permaneciam ajustadas. Obtivemos nessa ocasião todos os fenômenos que costumam acontecer em presença destes extraordinários homens, e de todos os pormenores ocupar-me-ei em outra ocasião. O doutor Baker converteu-se ao Espiritualismo a partir de que os

irmãos visitaram sua casa. Não vi dar prova alguma de que espíritos incorpóreos tomassem parte na produção dos fenômenos: porém estava convencido da não existência de nenhum truque, por conseguinte, estas extraordinárias manifestações naturais físicas eram resultado de alguma oculta força da natureza, que no presente estado dos meus conhecimentos eu não poderia explicar por meio algum. Agora ficavam claros para mim todos os fenômenos físicos que presenciara antes: não eram produzidos por truques, como eu já imaginava; e sim eram resultado de alguma lei natural não descoberta ainda, e no seu descobrimento os homens de ciência deveriam empregar seus mais vigorosos esforços”.

(10) A sobrecasaca era uma espécie de paletó de terno muito usado no século XIX.

Enquanto ele se conservava nessa atitude, os espiritualistas perguntavam-lhe frequentemente “como explica a inteligência que se manifestou?” e ele invariavelmente respondia que “não tinha visto provas de outra inteligência, além daquela que pudesse provir do médium ou de alguma das outras pessoas presentes no círculo”; acrescentando que “logo que observasse as provas de tal inteligência, se tornaria espiritualista”. Nessa condição ele permaneceu muitos anos, até chegar naturalmente a acreditar que nunca veria causa para mudar de opinião. Porém continuou suas pesquisas, e em 1865 principiaram as sessões em sua casa; mas passaram anos antes de acontecerem fenômenos mentais absolutamente concludentes, mesmo sendo, frequentemente, de caráter tão surpreendente, que teriam convencido a qualquer um que fosse menos cético. Afinal, após quinze anos de ceticismo ilustrado - ceticismo não baseado na ignorância, mas que recusava avançar um só passo além daquilo que os fatos tão cuidadosamente observados demonstravam de um modo absoluto - apresentou-se a evidência desejada.

“As provas que finalmente recebi, muitas delas, são de tal caráter, que não posso descrevê-las minuciosamente para uma audiência pública, e nem tenho tempo para isso. Baste dizer que em minha própria casa e na falta de qualquer

médium, exceto aqueles membros da minha família nos quais se desenvolveu o poder da mediunidade, obtive evidências de caráter irresistível de que as comunicações procediam de parentes e amigos, todos falecidos. Uma e outra vez abria-se uma inteligência que não podia ter outra origem a não ser aquela que afirmava ter. Mencionaram-se fatos dos quais ninguém no círculo tinha conhecimento, a fim de serem verificados depois. De cem modos diferentes foi provada a identidade dos espíritos que se comunicavam. Aqueles mesmos seres que deixáramos no túmulo, fizeram-se palpáveis ao tacto e à visão; e a doutrina da comunicação espiritual foi provada, fora do alcance de qualquer sombra de dúvida. Não demorei em me encontrar na mesma posição do doutor Fenwick em História Estranha de Lord Lytton. Acreditais, perguntou a serviçal Margrave, naquilo que andais a procurar? - Não antecipo a crença, foi a resposta. A verdadeira ciência interroga todas as coisas, e nenhuma é tomada a crédito. Ela só conhece três estados da mente: negação, afirmação, e o vasto intervalo entre ambas, que não é crença, e sim deixar o julgamento em suspenso". Isto descreve exatamente as fases pelas quais a minha mente tem passado".

Desde que o doutor Sexton se tornou espiritualista, tem sido um advogado enérgico das suas verdades, como antes era das negações do secularismo. Sua experiência e habilidade como orador público, e sua profunda pesquisa de cada forma de manifestação, vêm torná-lo um dos mais valiosos promulgadores de seus ensinamentos. Também tem prestado excelentes serviços na exposição do que existe de real nas pretensões daqueles evocadores que pretendem desmascarar o Espiritualismo. Desempenha essa tarefa do modo mais prático; não somente explicando de que maneira são feitas essas pretensas imitações das manifestações espirituais, mas fazendo-as por si mesmo, às vistas do seu auditório, e assinalando ao mesmo tempo as diferenças que existem entre o que é feito por essas pessoas e o que acontece durante as verdadeiras sessões espíritas. Quem quiser compreender o modo como o doutor Lynn, os senhores Maskeline e Cook e Her Dobler fazem algumas das suas mais curiosas

provas, só precisa ler antes de assistir a essas sessões, o escrito intitulado: *Os médiuns espiritualistas e os evocadores*. Dificilmente podemos acreditar que o homem que faz isto e que em quinze anos de observações e experiências manteve-se contrário à teoria espiritualista, seja um daqueles que, como nos diz Lord Amberley, “caem vítimas das fraudes mais palpáveis, e são levados no bico por jograis do gênero mais vulgar”; ou então que, segundo o elevado ponto de vista científico do professor Tyndall, estão em uma disposição de ânimo diante da qual a consciência é totalmente impotente, “alucinados cuja obcecação é inacessível a prova alguma; que gostam de acreditar e não gostam de ser esclarecidos em seu erro”. Valentas palavras parecem, mas deixemos o leitor que julgue se elas ficam bem na boca de homens que somente possuem um frágil e inadequado conhecimento sobre o assunto que estão criticando, e sem a mínima noção das muito prolongadas e conscienciosas pesquisas de muitos dos compreendidos em sua irreflexiva animadversão.

Mais uma testemunha, ainda, destes maravilhosos fenômenos, um competente e veterano físico, que tem feito experiências em seu próprio laboratório, e tem aplicado provas e medidas de caráter mais rígido e concludente. Quando Mr. Crookes, membro da *Sociedade Real* e descobridor do metal *thallium*,⁽¹¹⁾ anunciou, ao princípio, que ia investigar os pretensos fenômenos espirituais, muitos escritores públicos foram em seus escritos pura aprovação; porque de tempos existia a reclamação de que os médiuns não permitiam os homens de ciência examinarem os fatos escrupulosamente. Um desses escritores manifestou sua “profunda satisfação de que o assunto estivesse prestes a ser examinado por homem tão competente”: outro estava “comprazido em saber que o assunto estava recebendo atenção de homens de mente imparcial e clara, e de reconhecida

posição na ciência; ainda um terceiro declarava que “ninguém poderia duvidar da aptidão de Mr. Crookes para dirigir a investigação com rígida imparcialidade filosófica”. Porém, evidentemente, estas expressões não eram sinceras, e o que se tentava era apenas que fossem válidas no caso de que o resultado correspondesse às noções do escritor sobre como as coisas deviam ser. Dava-se por suposto que “uma investigação científica” daria em terra com tudo. ¿Não tinha dado em terra o professor Faraday com as mesas girantes? Saudaram Mr. Crookes como a Daniel vindo para o julgamento, como ao profeta que iria maldizer seu inimigo o Espiritualismo, descobrindo a farsa e a fraude. Porém quando o juiz, após um paciente exame que durou alguns anos, decidiu contra eles; e quando seu abençoado profeta aceitou a coisa abominada reconhecendo sua verdade inquestionável, mudaram o tom; e começaram a suspeitar da idoneidade do juiz, e a procurar mazelas na evidência onde ele fundara seu julgamento.

(11) William Crookes (1832-1919) descobriu o tálio. Sendo um dos cientistas mais prestigiosos do final do século XIX, entre outras coisas criou também o tubo de Crookes, antecedente direto dos tubos catódicos que se utilizavam nos televisores anteriores à era digital.

Pelo último papel publicado de Mr. Crookes, no Periódico Trimestral de Ciências, de janeiro próximo passado, sabemos que ele continuou suas investigações por espaço de quatro anos; e além de presenciar sessões em outros lugares, teve ocasião de realizar numerosas experiências em sua própria casa com dois notáveis médiuns já citados, o senhor D. D. Home e a senhorita Catarina Fox. Estas experiências eram quase exclusivamente realizadas à plena luz, sob condições preparadas por ele mesmo, e com seus próprios amigos como testemunhas. Fenômenos tais como sons de percussão; alteração do peso dos corpos; elevação de corpos pesados no ar sem contato de pessoa alguma; elevação de corpos humanos; aparições

luminosas de vários tipos; escrita direta por uma mão luminosa, ou somente o lápis; formas e rostos fantásticos; e ainda diversos fenômenos mentais foram provados tão frequentemente e em tal diversidade de maneiras, que o senhor Crookes está plenamente satisfeito da realidade objetiva dos mesmos. Esses fenômenos foram bosquejados no escrito ao qual nos referimos, e serão descritos minuciosamente em um todo que está sendo preparado. ⁽¹²⁾

⁽¹²⁾ Com certeza Wallace está se referindo à obra de Crookes *Novas experiências sobre a força psíquica*.

Não cansarei, pois, aos meus leitores repetindo-os aqui; porém observarei que essas experiências, como prova e evidência, possuem um peso bem maior do que aquele que lhes deveria ser reconhecido se apenas descansassem sobre o testemunho de qualquer homem de ciência, por honorável que fosse; por serem, quase sem exceção, confirmações daquilo que inúmeras testemunhas anteriores presenciaram em diversos lugares e condições variadas, ao longo destes últimos 20 anos. Em toda investigação experimental, sem exceção alguma, a confirmação dos fatos asseverados por um observador anterior é considerada como um valor acrescentado a eles, porque ninguém sentirá a mesma incredulidade que se fossem vistos pela primeira vez. E quando essa confirmação é repetida por três ou quatro observadores independentes, em circunstâncias favoráveis, e contra eles não existe outra coisa além de teoria ou evidência negativa, os fatos são admitidos, provisoriamente ao menos, até serem refutados por provas de maior peso que aquelas que os apoiam, ou por se ter descoberto a causa exata do erro cometido pelos observadores precedentes.

Porém, no caso atual, está a seguir-se uma linha de conduta que não pode ser mais contrária à razão e à filosofia. Cada nova observação confirmatória de uma evidência anterior, é tratada como se fosse apresentada *pela primeira vez*, exigindo-se uma nova confirmação do

fato. E quando surge a nova e independente confirmação, exige-se ainda uma confirmação para esta, e assim até o infinito.

Este é um excelente modo de não reconhecer e de sufocar qualquer nova verdade; porém a ubiquidade com que ocorrem os fatos do Espiritualismo é tanta, e sua índole é tão indiscutível, que todo investigador sincero vê-se compelido à convicção. Por isso, mesmo dando-se o fato de que cada converso não outorga seu assentimento antes de ter visto boa parte da série de fatos demonstrativos, o número desses neófitos continuou aumentando constantemente em um quarto de século. Sacerdotes de todas as seitas, literatos e advogados, grande número de médicos, não poucos homens de ciência, secularistas, céticos filosóficos, materialistas puros, todos eles converteram-se pela esmagadora lógica dos fenômenos que o Espiritismo apresentou diante deles. E, o que *temos por contra*? Nem ciência, nem filosofia, nem ceticismo, nem sectarismo religioso algum, têm conseguido nesse quarto de século, dissuadir um só daqueles que acreditam no Espiritualismo!

Neste caso, e apreciando em todo seu valor o cabedal de sinceridade, lealdade e conhecimentos sobre o assunto, empregado pelos seus antagonistas: é de se admirar que boa parte dos espiritualistas sejam agora profundamente indiferentes à opinião dos homens de ciência, e de que não desejem se dar ao trabalho de se desviarem um só passo que seja do seu caminho para os convencerem? Eles dizem que o movimento têm progredido com suficiente rapidez; que está sendo espalhado pela força da sua própria verdade intrínseca e se infiltrando e saturando lentamente todas as classes da sociedade. Tem prosperado a despeito do insulto e da perseguição, do ridículo e do argumento, e continuará a prosperar, já seja confirmado pelos grandes nomes, ou não. Os homens de ciência, como todos os outros, são bem-vindos em suas

fileiras; mas devem se satisfazerem em virtude da suas próprias constantes pesquisas, e não esperar que as provas da verdade dos fatos lhes sejam dadas sem qualquer esforço ou trabalho de sua parte. Deles será a perda, se rejeitam essa verdade; porém isso não poderá atingir nem um pouco o avanço do Espiritualismo. Os ataques e a crítica da imprensa são aturados com bom humor, e rara vez excitam sentimentos outros a não ser a compaixão pela voluntária ignorância, e o desprezo pela esmagadora presunção dos seus autores.

Tais são os sentimentos continuamente expressados pelos espiritualistas; e talvez não seja perda de tempo fazê-los saber às pessoas não iniciadas, para quem a literatura do Espiritualismo é tão ignorada como são os Vedas.

Pesquisa do Comitê Dialético

Existem muitos outros investigadores dos quais se deveria dar notícia em qualquer relatório completo sobre o assunto; mas agora apenas temos espaço para aludir brevemente ao *Relatório do Comitê da Sociedade Dialética*. Desse Comitê, formado por trinta membros ativos, apenas oito acreditavam, ao princípio, na realidade dos fenômenos, e não mais de quatro aceitavam a teoria espiritualista. Ao longo da pesquisa, doze dos totalmente céticos ficaram convencidos da realidade de muitos dos fenômenos, assistindo as reuniões dos subcomitês de experimentação, e obtendo os fenômenos quase que unicamente através da mediunidade dos membros do comitê. Ao menos três dos membros, que eram consumados céticos, continuaram suas pesquisas fora das sessões do comitê e acabaram se tornando totalmente espiritualistas.

Minha observação própria, como membro do comitê e do subcomitê mais numeroso e ativo, me deixa apto para afirmar que o grau de convicção produzido na mente dos vários membros, atendendo às notáveis diferenças de caráter entre eles, era em proporção aproximada ao tempo e cuidado empregados na pesquisa. Este fato, que acontece em toda investigação desses fenômenos, é resultado característico do exame de todos os fenômenos naturais. O exame de uma fraude ou de uma alucinação, produz invariavelmente resultados contrários: são enganados aqueles que possuem escassa

experiência, mas aqueles que continuam com perseverança as pesquisas, inevitavelmente descobrem a origem do engano ou da ilusão. Se assim não fosse, seria impossível descobrir, tanto a verdade como o erro. O êxito dessa investigação dos próprios membros do comitê tem, por conseguinte, muito mais importância do que os fenômenos que eles presenciaram, visto serem muito menos surpreendentes do que muitos outros que foram mencionados. São, porém, importantes, porque vêm confirmar, por uma numerosa corporação de homens inteligentes e despreocupados, os resultados obtidos antes por investigadores individuais.

Antes de dar fim a este relatório, é preciso chamar a atenção sobre a prova que ele fornece acerca do estado da opinião entre os homens educados que existem na França. O senhor Camille Flammarion, bem conhecido astrônomo, enviou ao comitê uma comunicação que bem merece uma consideração especial. Além de esclarecer que aceita a realidade objetiva dos fenômenos, após uma investigação de dez anos, coloca a afirmação seguinte:

“Meu sábio mestre e amigo, Mr. Babinet, do Instituto, que se tem esforçado com Mr. Liais (atual diretor do Observatório Astronômico do Brasil) e vários outros dos meus colegas de Paris em afirmar sua natureza e sua causa, não está plenamente convencido de se produzirem pela intervenção de espíritos; apesar de essa hipótese, a única que pode explicar certos tipos desses fenômenos, ter sido adotada por muitos dos nossos mais estimados sábios, e entre outros, pelo doutor Hoeffle, erudito autor da História da Química e da Enciclopédia Geral; e pelo laborioso investigador do campo dos descobrimentos astronômicos, cujo falecimento tivemos de deplorar recentemente, M. Herman Goldschmidt, descobridor de 14 planetas”.

Vê-se, pois, com isto, que na França como na América e neste país, homens de ciência, não insignificantes em categoria, têm investigado estes fenômenos e encontraram que são realidades; e alguns dos

mais eminentes sustentam que a teoria Espírita é a única que pode explicá-los.

Parece ser este o lugar oportuno para notar a surpreendente afirmação de que não existe “uma partícula de evidência” em apoio da tese Espírita; que aqueles que a aceitam deixam ver “uma incapacidade irremediável para distinguir o que é uma prova competente dos fatos, daquilo que não é”. E que a tese está “formada fora dos fatos”; e que as pessoas que a aceitam são incapazes de raciocinar, que “saltam à conclusão” de que devem ser os espíritos que deslocam as mesas, apenas porque não sabem qual outra causa poderia fazê-lo. A narração acima, do modo como se converteram ao Espiritismo muitos indivíduos, é resposta suficiente para toda essa ignorante afirmação.

A teoria espiritual tem sido adotada, no maior número de casos, como último recurso, quando foi comprovado que todas as outras teorias eram impotentes em absoluto; e quando fato sobre fato e fenômeno sobre fenômeno apresentaram-se por si mesmos para dar provas diretas de que os supostos mortos continuam estando vivos. A teoria espiritual é a emanção lógica do conjunto dos fatos.

Tome-se apenas o caso (dentre muitos outros não menos concludentes) do senhor Livermore, que por cinco anos e em centenas de ocasiões viu, sentiu e ouviu os movimentos de sua falecida esposa – em uma forma viva, inequívoca e perfeita – forma essa que podia deslocar objetos, e que repetidas vezes escreveu, dirigidos a ele, em sua própria escrita e em sua própria linguagem, cartões que permaneciam após o desaparecimento da forma: forma que era também visível e tangível para dois amigos, que aparecia em sua própria casa, em sala absolutamente incomunicada e em presença de uma menina, a médium. Não teriam esses três homens “nem a mínima partícula de evidência” para acreditar na teoria

espiritual? Seria possível em realidade sugerir ou imaginar prova mais completa do que essa? Antes de demolir a teoria é preciso se desembaraçarem dos fatos; e a simples negativa, ou a vontade de não acreditar, não podem eliminar nem suprimir fatos presenciados durante cinco anos por três testemunhas, sendo todos os três homens em posições de responsabilidade e que manejavam seus assuntos em todo esse tempo de modo a adquirirem o respeito e a confiança dos seus patrícios.

Será aqui inevitável a objeção de que “estas coisas tão admiráveis sempre acontecem na América. Quando elas acontecerem na Inglaterra, será tempo de nos ocuparmos delas”. Coisa muito singular. Quando este artigo já estava na imprensa, obteve-se a prova final que demonstra a ocorrência de fenômenos semelhantes em Londres.

Uma breve exposição será conveniente, pois, para aqueles que não puderem digerir a evidência só porque acontece na América.

Uma jovem, a senhorita Florence Cook, tem desenvolvido durante vários anos um notável poder de mediunidade, que ultimamente tem culminado na produção de uma forma feminina completa, de caráter espiritual, que apareceu com os pés descalços e vestida com roupas brancas, longas e flutuantes, enquanto a médium jazia em estado de insensibilidade, vestida de preto e solidamente amarrada, em um gabinete ou quarto contíguo.

Apesar das provas, de caráter ao parecer concludente, muitos dos presentes, tanto espiritualistas como céticos, sentiram certas dúvidas acerca da veracidade do fato, alimentadas, por um lado, na semelhança que a forma espiritual apresentava com a senhorita Cook, e por outro, na circunstância de que não era possível ver as duas juntas. Algumas pessoas imaginaram que a senhorita Cook era uma impostora, que destramente ocultava um vestido branco por

baixo daquele que a cobria exteriormente (apesar de que ela foi revistada), e que, mesmo amarrada fortemente com cordas e lacres, podia escapar das amarras, tirar a roupa e vestir-se de novo completamente, tornando a aprisionar-se, no escuro, e de um modo tão destro e completo que desafiava toda vigilância. Outros pensavam que o espírito era quem a desamarrava, colocava nela um vestido branco e a enviava para desempenhar o papel de aparecida.

A crença de que havia qualquer coisa suspeita, induziu um cavalheiro – espiritualista entusiasta – a agarrar o suposto espírito tratando de retê-lo, enquanto alguma outra pessoa fosse abrir a porta do gabinete, para ver se a senhorita Cook estava realmente lá.

Infelizmente isto último não foi feito; e o grande parecido do ser em questão com a senhorita Cook, sua perfeita solidez e os vigorosos esforços que fez para se soltar e escapar dele, convenceram aquele cavalheiro de que era a própria senhorita Cook; no entanto, o resto dos presentes encontrou a senhorita Cook, poucos minutos depois, amarrada e lacrada exatamente como a tinham deixado uma hora antes.

Para decidir irrevogavelmente a questão, experiências foram feitas nas últimas semanas, por dois homens de ciência. O senhor C. F. Varley, da *Sociedade Real*, eminente eletricitista, utilizou-se de uma bateria galvânica e de um aparelho para testar fios, e fez passar uma corrente elétrica pelo corpo da senhorita Cook (amarradas aos seus braços moedas de ouro soldadas aos arames). O aparelho era tão delicado que indicava instantaneamente qualquer movimento, mesmo os mais imperceptíveis; ao mesmo tempo, deveria ser impossível para a jovem colocar o vestido e assumir a aparição de espírito sem romper o circuito. Porém, mesmo sob estas circunstâncias, a forma espiritual apareceu, exibiu os braços, falou, escreveu e tocou em várias pessoas; e tudo isto aconteceu, é preciso

não esquecer, em casa de um cavalheiro particular do West End de Londres, e não em casa da médium. Por cerca de uma hora o circuito permaneceu intacto, e no final, a senhorita Cook foi encontrada profundamente adormecida.

A partir desta notável experiência, o senhor William Crookes, da *Sociedade Real*, obteve uma evidência ainda mais satisfatória, se é possível. Arranjou uma lâmpada de fósforos e armado com ela, obteve permissão para ir ao quarto escuro, acompanhado pelo espírito; e ali viu e tocou a senhorita Cook que jazia adormecida no chão vestida de preto, enquanto a forma espiritual, com roupagens brancas, estava em pé bem perto dela. Durante a tarde, a forma espiritual ficou por cerca de uma hora passeando e conversando com as pessoas assistentes; e o senhor Crookes, tendo obtido permissão, apertou a figura em seus braços, e viu ser em aparência uma verdadeira mulher viva, como acontecera com o cavalheiro cético. E, no entanto, esta forma não é a da senhorita Cook, nem a de encarnado algum, pois apareceu e desapareceu em casa do senhor Crookes, tão completamente como em casa da própria médium.

O pleno depoimento dos senhores Varley e Crookes, com grande quantidade de detalhes sobre o assunto, apareceu no jornal *Espiritualista* em março e abril últimos; e serve para manifestar que, quaisquer que sejam as maravilhas que acontecem na América, é possível serem reproduzidas aqui, e que não é impedido aos homens de ciência a investigação destes fenômenos com instrumentos científicos e por métodos científicos. Na parte final deste escrito, poderemos mostrar que outro tipo de manifestações, originado na América, – as chamadas fotografias espiritualistas – foi examinado primeiro criticamente, e depois completamente demonstrado no nosso próprio país.

Fotografias espiritualistas

Vamos entrar agora em um assunto que não é possível ser omitido em um bosquejo imparcial da evidência do Espiritualismo, visto fornecer a demonstração mais invulnerável que é possível se obter da realidade objetiva das formas espirituais, além da índole veraz do testemunho apresentado pelos médiuns videntes quando descrevem os vultos, visíveis apenas para eles. Já foi indicado, e esse é um fato amplamente provado nos anais do Espiritualismo, que diversos indivíduos possuem em graus muito variáveis o poder de ver muitas formas e vultos.

Assim, frequentemente acontece que, em uma sessão, algumas pessoas veem perfeitamente luzes, descrevendo sua forma, aparência e posição; enquanto outras não veem absolutamente nada. Se apenas uma ou duas pessoas veem as luzes, as outras naturalmente atribuem o fato à imaginação daquelas; no entanto, existem casos em que, dentre todas as pessoas presentes, apenas uma ou duas são incapazes de vê-las.

Existem também casos em que todas as pessoas conseguem vê-las, porém em muito diferentes graus de claridade; apesar de tudo, está provado que veem os mesmos objetos, visto todos se mostrarem de acordo na posição e movimento das luzes. Mais ainda: naquilo que alguns veem simplesmente como uma nuvem luminosa, outros enxergam perfeitamente formas luminosas, já parciais, já completas.

Em outros casos, todos os presentes veem a forma, seja mão, rosto ou a figura inteira, com a mesma clareza. E ainda mais: a realidade objetiva dessas aparições é provada, às vezes tocando-as, outras vezes vendo como deslocam objetos; em ocasiões, ouvindo sua fala; em outras, vendo como escrevem; e tudo em presença de muitas pessoas; acontecendo às vezes que a escrita traçada pertence, sem a mínima dúvida, a algum amigo falecido. Seria bem fácil encher um volume com os anais deste tipo de aparições, autorizados com o lugar, data e nomes das testemunhas, e uma considerável seleção deles pode ser encontrada nas obras de Mr. Robert Dale Owen.

Agora: um investigador que não tivesse prejudgado a questão, nem se acreditasse possuidor de um conhecimento tão completo do universo ao ponto de se sentir autorizado a rejeitar todo comprovante de fatos que até então lhe pareciam improváveis em alto grau, poderá, em consciência, dizer:

“A prova que apresentais em apoio das aparições de formas espirituais visíveis e tangíveis, é muito forte; porém eu desejaria submetê-las a uma prova definitiva e irrecusável, que colocaria ponto final na questão sobre a possibilidade de serem produzidas por uma ilusão simultânea de vários sentidos de várias pessoas ao mesmo tempo; e que, se desse resultado satisfatório, demonstraria sua realidade objetiva de um modo que não é possível melhorar. Se elas, em realidade, refletem ou emitem luz suficiente para se fazerem visíveis ao olho humano, *podem ser fotografadas*. Fotografai-as, e tereis uma prova incontestável de que as vossas testemunhas humanas são fidedignas.”

A esta muito razoável sugestão apenas poderíamos responder, há dois anos, que acreditávamos já ter sido feito isso e seria possível tornar a fazer; mas que não tínhamos evidência satisfatória alguma para oferecer. Hoje, porém, estamos em condições de afirmar, não só

que isso tem sido feito com frequência, como também que a evidência é de tal natureza, que poderá satisfazer a quem quiser se dar ao trabalho de examiná-la cuidadosamente. Vamos apresentar essa evidência aos nossos leitores, e ousamos pensar que será reconhecida por eles como uma das mais notáveis.

Porém, antes disso, é bom dissipar um erro popular. O senhor Lesves sugeriu ao Comitê Dialético distinguir com cuidado “*os fatos, das inferências dos fatos*”. Isso é particularmente necessário no caso das chamadas fotografias espiritualista. As figuras que nelas ocorrem, quando não são produzidas por engenho humano, podem ser de *origem espiritual*, sem serem figuras “*de espíritos*”. Existem evidências de sobra para mostrar que elas são, em certos casos, formas produzidas por inteligências invisíveis, porém diferentes delas.

Em outros casos a inteligência parece revestir-se de uma matéria capaz de ser percebida por nós; porém, mesmo nesse caso, desse fato não se deduz que a forma produzida seja a atual imagem da forma espiritual. Acaso seja apenas uma reprodução da forma mortal precedente, com seus acessórios terrenos, *com a finalidade de ser reconhecida*.

Muitas pessoas ouviram falar das “*pinturas fantasmas*”, e de como um fotógrafo pode realizá-las facilmente a pedido; isto leva a estarem dispostas a pensar que não podem servir como comprovantes. Mas um instante de reflexão bastaria para lhes mostrar que, sendo tão conhecidos por todos os fotógrafos os meios de se obterem essas “*pinturas fantasmas*”, é ainda mais fácil empregar os meios e dispor as condições necessárias para evitar a fraude. Os seguintes são os mais óbvios:

1 - Se uma pessoa entendida em fotografia toma suas próprias lâminas de cristal, examina a câmara e todos seus acessórios, e

observa todo o processo seguido para obter a pintura; fica claro que se no negativo aparecesse qualquer forma definida, que não seja a pessoa retratada, tem-se um comprovante da existência ali de qualquer objeto capaz de refletir ou emitir raios actínios⁽¹³⁾, se bem invisíveis para os circunstantes.

(13) Raios actínios são aqueles que provém da luz solar e que possuem efeitos específicos sobre a matéria; com este nome (raios actínios), é conhecida a faixa do espectro solar que corresponde ao azul, violeta e ultravioleta, e que Niels Ryberg Finsen “descobriu” a partir das descobertas de Emile Duclaux (1840-1904) sobre a capacidade destruidora dos raios ultravioleta aplicados a colônias de bactérias. (Nota do digitalizador)

2 - Se aparecer um retrato que inequivocamente é de uma pessoa morta, inteiramente desconhecida para o fotógrafo.

3 - Se aparecerem no negativo figuras que guardam uma relação definida com a pessoa retratada, a qual escolhe sua própria posição, será prova de estarem ali realmente aquelas figuras invisíveis.

4 - Se aparecer uma figura vestida de branco e parcialmente oculta pelo obscuro corpo do retrato, sem se mostrar em modo algum através dele, será prova de que a figura branca estava ali ao mesmo tempo; porque as partes obscuras do negativo são transparentes, e qualquer pintura branca superposta mostrar-se-á através delas.

5 - Mesmo no caso de não se aplicar nenhuma destas provas; se um médium, com absoluta independência do fotógrafo, visse e descobrisse uma figura durante o processo, e aparecesse na lâmina uma figura correspondendo perfeitamente com ela, seria uma prova de que a dita figura estava ali.

Cada uma dessas provas foi aplicada neste país com êxito completo, como é demonstrado no bosquejo dos fatos, a seguir:

As narrações sobre fotografias espiritualistas em várias partes dos Estados Unidos, induziram muitos espiritualistas neste país a

realizar experiências; mas por muito tempo, sem resultado. O senhor e a senhora Guppy, fotógrafos amadores não tinham obtido nada. Em março de 1872, um dia foram à casa do senhor Hudson, fotógrafo que morava perto deles (e que não era espiritualista), para tirar alguns retratos de cartão da senhora Guppy. Em seguida o senhor Guppy teve de súbito a ideia de realizar uma tentativa para obterem uma fotografia espiritualista. Sentou-se e fez que sua mulher se retirasse para trás da cortina do fundo, e fez-se retratar. Apareceu então o retrato e atrás da figura de Mr. Guppy, uma mancha branca, grande, indefinida, de forma oval, com certa semelhança ao contorno de uma figura coberta. A senhora Guppy, colocada atrás da cortina, estava vestida de preto.

Esta foi a primeira fotografia espiritualista tirada na Inglaterra; sendo mais satisfatória ainda pelo repentino impulso sob o qual foi obtida, e da grande mancha branca, que nenhum impostor teria querido produzir, visto que, prescindindo-se do seu significado, seria causa da perda da foto. Poucos dias depois, os esposos Guppy e sua criança foram sem dar aviso. A senhora Guppy sentou-se no piso segurando o menino em um pedestal; enquanto o marido ficava atrás observando. A foto produzida foi bem notável. Uma figura feminina, alta, elegantemente envolta em roupagens brancas, como véus de gaza, eleva-se diretamente atrás e por cima do grupo, olhando para eles e estendendo as mãos abertas sobre suas cabeças, como dando sua bênção. O rosto tem algo de oriental, e como as mãos, é perfeitamente definido. As roupas brancas passam por trás das figuras escuras dos retratados, sem aparecer nem um pouco através delas. Uma segunda foto foi tomada logo de estar preparada uma nova prancha; sendo essa uma circunstância feliz, porque teve como resultado uma prova das mais notáveis. A senhora Guppy tornou a se ajoelhar com o menino; mas dessa vez ela não se inclinou tanto, e sua

cabeça estava um pouco mais alta. A mesma figura branca torna a aparecer, como antes bem definida; porém, “sua posição *“tinha variado de uma maneira que corresponde exatamente à leve mudança de posição da senhora Guppy”*. Antes as mãos estavam em um mesmo nível: agora, uma está consideravelmente mais elevada do que a outra, a fim de se manter à mesma distância de antes com respeito à cabeça da senhora Guppy. As pregas do vestido diferem todas elas de modo correspondente, e a cabeça está levemente volteada. Aqui, então, uma destas duas coisas é absolutamente verdadeira: ou ali havia um ser vivo, inteligente, porém invisível para as pessoas que lá se encontravam; ou então o senhor e a senhora Guppy, o fotógrafo e uma quarta pessoa, tramaram uma malévola impostura e a mantiveram desde então. Conhecendo os esposos Guppy tanto como eu os conheço, possuo a convicção absoluta de que eles são incapazes de uma fraude desse tipo, como seria qualquer investigador da verdade no campo da ciência natural.

A fama destas fotografias estendeu-se rapidamente. Um bom número de espiritualistas tentou conseguir resultados análogos, com maior ou menor sucesso; até que, passado algum tempo, surgiu o rumor de uma fraude, e muitos agora acreditam firmemente, por aparências suspeitas nas fotografias e por outras circunstâncias, que existe um grande número de falsificações. Se assim fosse, não seria para ficar admirado. O fotógrafo, lembre-se bem, não era espiritualista, e sentiu-se completamente desorientado em face das fotografias que descrevemos. Ele observou que vintenas de pessoas, pedindo seus serviços, retiravam-se satisfeitas ou descontentes, segundo obtivessem ou não uma segunda figura junto com elas. É possível, então, ele ter realizado arranjos, com o objetivo de satisfazer todas as pessoas.

A verdade é que, se existiu fraude, foram os espiritualistas que a

descobriram; e se não existiu, sempre são eles a se mostrarem mais dispostos a notar tudo quanto parecesse indicá-la. Porém, mesmo aqueles que com mais segurança afirmam existir fraude, admitem grande número de fotografias como sendo genuínas. Verdade ou não, o clamor de fraude fez um grande bem, por quanto manifestou a necessidade de provas e de uma confirmação dos fatos independente.

A prova de retratos, claramente reconhecíveis, de amigos falecidos, tem se obtido com frequência. O senhor William Howitt, que foi sem aviso prévio, obteve retratos de dois filhos, falecidos muitos anos atrás, e de um dos quais nem sequer o amigo que acompanhou o senhor Howitt conhecia a existência.

Os retratos foram reconhecidos instantaneamente pela senhora Howitt; e o senhor Howitt declara que são *perfeitos e inequívocos* (“*Repertório Espiritual*”, outubro, 1873). O doutor Thompson, de Clifton, obteve um retrato seu, acompanhado de uma senhora que ele não conhecia. Enviou-o a um seu tio, na Escócia, perguntando simplesmente se achava parecido com alguma pessoa morta da família. A resposta foi que era o retrato da mãe do próprio doutor Thompson, falecida ao dá-lo à luz; não existia nenhum retrato dela, por isso o doutor não fazia ideia do seu aspecto. O tio observava, muito naturalmente, *que não entendia de que modo se tinha feito esse retrato* (“*Repertório Espiritual*”, outubro, 1873). Existem muitos outros casos de reconhecimento de parecido; porém, apenas acrescentarei meu depoimento pessoal. Há poucas semanas atrás, fui pela primeira vez a esse mesmo fotógrafo e obtive o retrato mais inequívoco de um parente falecido. Passemos agora a um tipo melhor de comprovantes: as experiências particulares feitas por amadores.

O senhor Thomas Slater, óptico, estabelecido há muito tempo em *Euston Road*, e fotógrafo por hobby, foi ao senhor Hudson levando

consigo uma câmara nova feita por ele mesmo, com lentes também de sua propriedade; observou tudo o que era feito, e obteve um retrato onde havia uma segunda figura. Principiou então a realizar experiências em sua própria casa, e no verão passado obteve notáveis resultados. O primeiro deles foi o retrato de uma sua irmã, ao lado da qual era possível enxergar duas cabeças. Uma delas era, sem dúvida alguma, a cabeça do último Lord Brougham; a outra, bem menos definida, é reconhecida pelo senhor Slater como sendo de Robert Owen, com quem manteve estreita relação até a morte deste. A partir de então, conseguiu obter várias excelentes fotografias do mesmo tipo.

Uma delas, particularmente, mostra uma mulher em suas roupagens longas e flutuantes, brancas e pretas, em pé ao lado do senhor Slater. Em outra, aparece a cabeça e o busto, recostando-se sobre seu ombro. Nestas duas são muito parecidos os rostos; e foram reconhecidos por outros membros da família como sendo retratos da mãe do senhor Slater, morta quando ele era criança. Em outra aprecia-se uma bela figura infantil, também vestida, em pé junto ao menino do senhor Slater. Agora: que estas figuras sejam ou não corretamente idênticas, não é o ponto essencial. O fato de *qualquer* figura, tão clara e inequivocamente humana aparecer nas pranchas, tomadas por ótico experiente e fotógrafo amador em seu estúdio particular; com instrumentos fabricados por ele mesmo; e sem ninguém presente, exceto os membros da sua própria família, eis aí a verdadeira maravilha. Em uma ocasião apareceu uma segunda figura junto dele, estando absolutamente a sós, e por um meio tão simples como ficar sentado na cadeira após retirar a tampa do objetivo da câmara. Sendo ele e a família médiuns, não precisam da ajuda de ninguém, e essa talvez seja a razão do grande sucesso obtido por ele. Uma das mais extraordinárias pinturas obtidas pelo senhor Slater é

um retrato de corpo inteiro de uma sua irmã, onde não existe segunda figura; porém a irmã aparece completamente coberta por uma espécie de cortina transparente de renda, a qual, examinada com atenção, permite ver que está formada de círculos sombreados de diferentes tamanhos, totalmente diferente de qualquer tecido material já visto por mim ou de que eu tivesse notícia.

O próprio senhor Slater mostrou-me todas essas pinturas e explicou-me em que circunstâncias ocorreu sua produção. Não existe nenhuma dúvida de que não houve fraude; e elas possuem incalculável valor como primeiras confirmações independentes que corroboram aquilo antes somente obtido por meio de fotografos profissionais.

Uma confirmação menos valiosa como êxito, mas nem por isso menos satisfatória, foi obtida por outro amador que, após 18 meses de experiências, conseguiu sucesso parcial. O senhor R. Williams, doutor em medicina e filosofia, de Haywards Heath, conseguiu obter, no verão passado, três fotografias, cada uma delas com parte de uma figura humana, e uma com as feições bem marcadas, além do retrato da pessoa. Depois obtive outra com uma bem formada figura masculina que estava em pé ao lado da pessoa retratada; mas infelizmente, ao ser desenvolvida no negativo, esta figura esvaiu-se por completo. O senhor Williams deu-me, em uma carta, a segurança de que nestas experiências “não houve espaço para truques, nem para a produção dessas figuras por meio algum conhecido”.

O editor do *Jornal Britânico de Fotografia* realizou experiências no estúdio do senhor Hudson, levando consigo seu próprio colodione e pranchas novas, e realizando por si mesmo o processo todo: e no entanto existiam *aparências anormais* nas pinturas, mesmo não sendo figuras definidas.

Chegamos agora às valiosas e decisivas experiências do senhor

George Beathé, de Clifton, fotógrafo aposentado, possuidor de 20 anos de experiência, e do qual o citado editor diz: “Qualquer pessoa que conheça o senhor Beathé deverá reconhecer que ele é um fotógrafo reflexivo, esperto e inteligente, um dos homens menos proclive a ser enganado facilmente, ao menos em tudo aquilo que diz respeito a fotografias, e um dos mais completamente incapazes de enganar os outros”.

O senhor Beathé foi auxiliado em suas pesquisas pelo Dr. Thompson, médico de Edimburgo, possuidor, como fotógrafo amador, de 25 anos de prática. As experiências foram realizadas no estúdio de um amigo não espiritualista (mas que durante as primeiras experiências chegara a ser médium) e contavam com os serviços de um industrial, muito conhecido deles, como médium. Todo o trabalho fotográfico era feito pelos senhores Beathé e Thompson, enquanto os outros permaneceram sentados a uma pequena mesa. As vistas ou pinturas eram tomadas em séries de três, com poucos segundos de intervalo entre uma e outra, e em cada sessão eram tomadas várias dessas séries.

As figuras produzidas, em geral, não são humanas, apenas manchas esbranquiçadas de diversas formas, que em pinturas sucessivas vão se desenvolvendo, por assim dizer, para um tipo mais completo e perfeito. Assim, uma série de cinco inicia com duas manchas brancas meio angulosas sobre a pessoa retratada no centro, e acaba em uma rude porém inequívoca figura feminina cobrindo a maior parte da lâmina. As três restantes mostram fases intermédias que indicam uma mudança contínua de forma, da primeira figura até a última. Outra série (de quatro pinturas) inicia com um cilindro branco vertical sobre o corpo do médium, e outro mais curto sobre a cabeça dele. Estes variam a forma na segunda e terceira, e na última estendem-se lateralmente em massas de luz semelhantes a

nebulosas. Outra série de três é muito curiosa. A primeira mostra uma mancha luminosa oblíqua que flui da mesa ao chão; na segunda, ficou transformada em uma coluna serpentina terminada em um ponto sobre a cabeça do médium; na terceira, a coluna ficou mais larga e parecendo dupla, com a curva em uma direção oposta e um arremate a modo de cabeça. A mudança de curvatura poderia ter alguma conexão com a mudança de posição das pessoas retratadas, que ao parecer ocorreu entre a segunda e a terceira dessa série. Existem mais duas, tomadas, como as anteriores, em 1872, mas que o médium descreveu durante o processo. A primeira era, segundo seu relato, uma bruma densa, e a pintura saiu toda esbranquiçada, sem vestígio algum das pessoas que deveriam estar retratadas nela. A outra foi descrita como uma bruma tendo dentro dela, uma figura em pé; e em efeito, apenas é vista uma figura humana branca na superfície uniformemente nublada.

Durante as experiências realizadas em 1873, o médium, em cada caso, descreveu minuciosa e corretamente as aparições que depois eram vistas na prancha. Em uma existe uma grande estrela luminosa irradiando, e no centro dela um rosto humano fracamente visível. Esta é a última de três, onde a estrela vai desenvolvendo, e todas elas foram perfeitamente descritas pelo médium. Em outra série de três, o médium descreveu primeiro “uma luz atrás dele, como saindo do chão”. Na sequência, “uma luz que se elevava sobre os braços de uma pessoa e que saía de sua bota”. A terceira “existe a mesma luz, porém agora uma coluna passa entre a mesa, e eu a sinto muito quente em minhas mãos”, e depois exclamou de repente: “que luz tão brilhante, aquela lá em cima! Vocês não podem vê-la?”, apontando com a mão em direção a ela. Tudo isso descreve com a maior exatidão as três pinturas, e na última é possível apreciar a mão do médium mostrando a mancha branca que aparece sobre sua cabeça. Existem

vários curiosos desenvolvimentos cuja natureza fica suficientemente indicada; porém, é preciso citar uma só pintura muito surpreendente. Durante o processo, um médium viu no fundo uma figura negra, e o outro médium viu, ao lado dessa, uma figura branca. As duas aparecem na pintura: a figura branca muito tenuemente e a negra muito mais definida, de tamanho gigantesco, com um rosto maciço de feições toscas, e com os cabelos longos. (*Repertório Espiritual*, janeiro e agosto de 1873. *Notícias Fotográficas*, junho 28, 1872).

O senhor Bathé teve a bondade de me enviar, para serem examinadas, uma série completa destas extraordinárias fotografias, em número de trinta e duas, fornecendo-me muitos pormenores que eu desejava conhecer. Descrevi-os com toda a exatidão que me é possível; e o senhor Thompson me autorizou a usar seu nome em confirmação dos assertos do senhor Bathé sobre as condições em que essas pinturas foram obtidas. Não sem trabalho e perseverança foram realizadas estas experiências. Às vezes nada se obtinha fora do usual em vinte ensaios sucessivos. Das centenas que foram feitos, em mais da metade não houve sucesso algum. Porém o sucesso obtido nos restantes valeu bastante a pena. Eles demonstraram o fato de que aquilo que o médium ou vidente vê (mesmo quando ninguém enxerga nada), quase sempre possui existência objetiva. Eles nos ensinam que talvez o livreiro Nicholai, de Berlim, cujo caso foi citado até a exaustão como tipo de “ilusão espectral” viu mesmo seres reais, e que se naquele tempo a fotografia já tivesse sido descoberta, e devidamente aplicada, poderíamos ter agora os retratos dos homens e mulheres invisíveis que lotavam seu quarto. Ao mesmo tempo, dão-nos indicações do processo pelo qual as figuras vistas nas sessões podem precisar formarem-se e desenvolverem-se gradativamente, e nos tornam aptos para entender melhor as afirmações feitas com

frequência pelas inteligências que se comunicam, de ser bem difícil serem produzidas formas definidas, visíveis e palpáveis, e também que isso apenas é possível com uma rara combinação de circunstâncias favoráveis.

Temos, pois, que três fotógrafos amadores trabalhando independentemente em diversos lugares da Inglaterra, confirmam separadamente o fato da fotografia espiritualista, já suficientemente demonstrado para muitos que realizaram experiências através de fotógrafos profissionais. As experiências do senhor Beathé e do Dr. Thompson são, por si sós, absolutamente decisivas; e tomadas em conexão com as realizadas pelo senhor Slater e o Dr. Williams, e com as fotografias de prova, como as dos senhores Guppy, estabelecem como fato científico a existência objetiva de formas humanas invisíveis e de imagens actínicas definidas e invisíveis. Antes de deixarmos os fenômenos fotográficos, é preciso anotar dois pontos curiosos relacionados com eles. A ação actínia das formas espiritualistas é peculiar e muito mais rápida do que a da luz refletida pelas formas materiais ordinárias; porque as figuras aparecem no momento de serem tocadas pelo fluido que as desenvolve, ao passo que a figura da pessoa retratada só aparece bem mais tarde. O senhor Beathé observou este fato em suas experiências, e eu mesmo fiquei surpreso ao observar o desenvolvimento de três pinturas obtidas há pouco tempo em casa de Mr. Houdson. A segunda figura, não sendo decerto brilhante, apresentou-se muito antes do que qualquer outra parte da pintura. O outro traço singular, é a roupagem abundante em que estas formas aparecem sempre envoltas, como para não mostrar nada além daquilo que é absolutamente necessário para seu reconhecimento através do rosto e do aspecto. A explicação dada é que a materialização da forma humana é muito mais difícil do que a das

roupagens. Não era, pois, pura fantasia o convencional “*fantasma com túnica branca*”, tendo seu fundamento nos fatos, fatos que além disso possuem profundo significado, porque dependem das leis de uma química que ainda não conhecemos.

Resumo das manifestações mais importantes físicas e mentais

Não sendo possível contar muitos dos fatos curiosos que acontecem com os diversos tipos de médiuns, talvez seja útil o seguinte catálogo dos fenômenos mais importantes e melhor caracterizados. Eles podem ser provisoriamente classificados como *físicos*, ou seja, aqueles em que a ação acontece sobre objetos materiais; e mentais, que consistem em uma exibição, pelo médium, de poderes ou faculdades que ele não possui em seu estado normal.

Os principais fenômenos físicos são os seguintes:

1 - Fenômenos puramente físicos. - Produzir sons de toda espécie, da mais delicada vibração a pancadas como de pesado martelo de ferro. Alterar o peso dos corpos. Deslocar objetos sem intervenção de agente humano. Elevar corpos no ar. Transportar corpos à distância, entrando em quartos fechados ou saindo deles. Desamarrar os médiuns de todo tipo de ligames, mesmo quando presos com argolas de ferro, como aconteceu na América.

2 - Químicos. Preservar dos efeitos do fogo, como foi dito acima.

3 - Escrita e desenho direto. Produzir escrita e desenho direto em folhas de papel marcadas e colocadas de um modo tal que não fosse possível serem tocadas com mãos ou pés por ser humano algum.

Às vezes de um modo visível para os espectadores, um lápis se elevar

e traçar, aparentemente por si só, uma escrita ou desenho. Alguns desses desenhos, de variado colorido, foram produzidos em papel marcado, em 10 ou 20 segundos, conservando ainda a umidade das tintas de cores. (Ver depoimento de Mr. Coleman em Relatório dialético, pág. 143, confirmado por Lord Borthwick, pág. 150). O senhor Thomas Slater, de 130 Euston Road, agora obtém comunicações do modo seguinte: um pedacinho de lápis de pedra com 1/8 de polegada de comprimento, é colocado em cima de uma mesa; sobre ele é colocada uma lousa bem limpa em um quarto bem iluminado; depois, é ouvido o barulho da escrita, e em poucos minutos encontra-se uma comunicação longa, perfeitamente escrita. Em outras ocasiões a lousa é segurada entre ele e outra pessoa, com as outras mãos amarradas. Algumas dessas comunicações são discussões filosóficas sobre a natureza do espírito e da matéria, em apoio da costumeira tese espiritualista sobre o assunto.

4 - *Fenômenos musicais.* - Instrumentos musicais de vários tipos são tocados sem intervenção humana, desde uma campainha a um piano fechado. Com certos médiuns e em condições favoráveis, são produzidas composições originais de música, de caráter muito elevado. Isto acontece com o senhor Home.

5 - *Formas espirituais.* - Estas são aparições luminosas, faíscas, estrelas, globos de luz, ou figuras humanas inteiras, usualmente cobertas com vestes flutuantes, exceto uma parte do rosto e as mãos. As formas humanas são, com frequência, capazes de deslocar objetos sólidos, e são, ao mesmo tempo, visíveis e palpáveis para os espectadores. Em outros casos são visíveis apenas para os médiuns videntes; mas nesse caso, se eles descrevem que a figura está levantando uma pluma e uma flor, as pessoas presentes enxergam a flor e a pluma se moverem, aparentemente por si sós.

Em certos casos, falam distintamente; em outros, a voz é ouvida por

todos, porém somente o médium enxerga a forma. As vestes flutuantes dessas figuras foram examinadas em algumas ocasiões, e delas foram cortados pedaços, que se desmancharam em pouco tempo. Flores também foram trazidas, algumas das quais definham e desaparecem; ao passo que outras são reais, sendo possível conservá-las indefinidamente. Não devemos concluir que algumas dessas formas sejam espíritos verdadeiros; provavelmente sejam apenas formas temporais produzidas pelos espíritos, como provas ou como meio de serem reconhecidos pelos seus amigos. Esta é invariavelmente a apreciação que se faz a respeito delas em comunicações obtidas de diversos modos; de maneira que a objeção, em tempos considerados como irrefutável, da impossibilidade de existirem fantasmas com roupas, armaduras ou bengalas, deixa de ter qualquer peso.

6 - Fotografias espirituais. - Estas, como acabamos de descrever, demonstram por experiência puramente física, o caráter fidedigno das observações do tipo precedente.

Vamos agora aos fenômenos mentais, figurando em primeira linha, os seguintes:

1 - Escrita automática. - O médium escreve involuntariamente; muitas vezes sobre assuntos nos quais ele nem está pensando, que não espera, e que não são do seu agrado. De vez em quando dá-se a notícia definida e correta de fatos sobre os quais o médium não tem e nunca teve conhecimento algum. Muitas vezes, acontecimentos futuros são preditos com grande precisão. A escrita acontece através da mão ou da prancheta⁽¹⁴⁾. Frequentemente a forma da escrita varia. Às vezes é traçada da direita para a esquerda ⁽¹⁵⁾; e, outras vezes, em uma língua que o médium não entende.

(14). O leitor interessado na evolução destes processos encontrará abundante informação na introdução do Livro dos Espíritos de Allan Kardec.

(15). *Escrita especular: aquela que só pode ser lida colocando um cristal onde espelhar aquilo que foi escrito em caracteres inversos à ordem normal de escrita.*

2 - *Vidência e auditividade.* - Pode ser de diversas espécies. Certos médiuns enxergam as formas de pessoas mortas não conhecidas por eles, e descrevem suas peculiaridades com tanta minuciosidade que logo são reconhecidas pelos seus amigos. Muitas vezes ouvem vozes, obtendo com isso nomes, datas e lugares em relação como os seres assim descritos. Outros leem cartas lacradas, qualquer que seja a língua em que estão escritas, e escrevem respostas apropriadas.

3 - *Oratória sonâmbula.* - O médium cai em um estado mais ou menos inconsciente e então fala, frequentemente sobre assuntos e em estilo muito superiores a toda a sua capacidade ordinária. Assim, o senhor Cox, que aliás, não é um juiz qualquer em matéria de estilo literário, diz: “Já ouvi um palafreineiro sem educação, sustentar, durante seu estado de êxtase, um diálogo com uma reunião de filósofos sobre *a razão e a intuição, o livre-arbítrio e o destino*”, e manter sua opinião contra a deles. Apresentei a ele as questões mais difíceis de psicologia, e recebi respostas sempre reflexivas, frequentemente cheias de sensatez, e invariavelmente expressadas em linguagem de escol e muito elegante. Porém, dali a quinze minutos, tendo saído do estado inconsciente, ele não conseguia responder a mais singela questão sobre assuntos filosóficos, estando mesmo desorientado para falar ou expressar uma ideia vulgar qualquer. (“*O que sou?*” vol. 2º, pág. 242). Posso testemunhar por mim mesmo que nisso não existe qualquer exageração, tendo observado repetidas vezes esse mesmo médium. E de outros oradores sonâmbulos – como a senhora Hardinger, a Tappon, e o senhor Peebles – já ouvi discursos que, em alta e sustida eloquência, nobres pensamentos e elevado propósito moral, sobrepassavam os

melhores esforços do melhor pregador ou orador que jamais conheci.

4 - *Impersonificação*. - Acontece durante o sono magnético ou o êxtase. O médium parece possuído por outro ser; fala, olha e atua nesse novo caráter da maneira mais surpreendente; em certos casos fala línguas estrangeiras que nunca ouviu em estado normal; como no caso da senhorita Edmonds, da qual já temos falado. Quando a influência é violenta ou penosa, os efeitos são aqueles que em todos os tempos têm sido atribuídos à possessão de espíritos malvados.

5 - *Curação*. – Existem várias formas. Algumas vezes ocorre pelo simples contato das mãos, forma refinada de tratamento mesmérico⁽¹⁶⁾. Outras vezes, em estado inconsciente, o médium descobre logo de início a enfermidade oculta, prescreve o remédio, acontecendo com frequência que ele dá uma descrição exata da aparência mórbida dos órgãos internos.

⁽¹⁶⁾ *Franz Anton Mesmer (1734-1815) Médico austríaco que desenvolveu a teoria do fluido magnético animal, através do qual era possível curar doenças físicas.*

Os fenômenos puramente mentais são geralmente inúteis como evidência para os não espiritualistas, salvo os poucos casos onde é possível aplicar provas rápidas; mas eles estão intimamente ligados com a série física, e muitas vezes entrelaçados de tal modo, que ninguém com experiência suficiente para acreditar na realidade dos primeiros, deixa de ver que os últimos fazem parte do sistema e dependem das mesmas causas de ação.

Porém é muito diferente no caso da série física. Seus fatos formam um corpo compacto de evidência, do mais simples até o mais complexo e surpreendente; cada um de seus fatos, como componente isolado, pode ser e tem sido demonstrado por si mesmo inúmeras vezes, ao passo que cada um deles dá maior peso e confirmação a

todos os outros. Todos ou quase todos têm acontecido à vista do mundo durante 20 anos; as teorias e explicações dos críticos e revistadores não os atingem, nem podem, em modo algum, satisfazer nenhum homem de bom senso que os presenciasse muitas vezes; têm sido testados e examinados por cétricos de todos os graus da incredulidade homens aptos em todos os aspectos para surpreender a fraude ou para descobrir as causas naturais – físicos, médicos, advogados e negociantes experientes – e em todos os casos os investigadores retiraram-se, burlados ou convencidamente crentes.

Tem havido, é verdade, alguns impostores que tentaram imitar os fenômenos; mas estes casos são poucos e foram descobertos com provas muito menos severas do que aquelas a que os fenômenos reais foram submetidos uma e outra vez; e grande parte desses fenômenos jamais foi imitada, sendo como em realidade são, impossíveis de imitar.

Agora: o que dizem os nossos diretores de opinião pública, quando veem um cientista de reconhecida habilidade observar em sua própria casa e sob rígidas condições, muitos dos fenômenos mais extraordinários, e afirmar sua realidade objetiva, e não em um exame precipitado, mas após quatro anos de pesquisas? Homens com *nomes de grande significação científica*, recusam-se quando convidados a examiná-los; a eminente sociedade da qual são membros, recusa-se a inseri-los em seus anais; e a imprensa grita que precisa testemunhas melhores do que Mr. Crookes, e que tais fatos precisam de confirmação antes de poder acreditar neles. No entanto, para quê mais confirmações? E quando os fatos tornarem a ser confirmados, quem confirmará o confirmador? Depois que toda a falange dos fenômenos ficou à vista do mundo por dez anos, convencendo dezenas de milhares de cétricos – cétricos, lembre-se bem, com bom senso e perspicácia além do comum, americanos de todas as classes –

foram confirmados pelo primeiro químico da América, o professor Robert Hare. Dois anos mais tarde foram confirmados outra vez pelas elaboradas e perseverantes indagações de um dos primeiros jurisconsultos americanos, o juiz Edmonds. Em seguida, por outro ótimo químico, o professor Mapes.

Na França a verdade dos fenômenos mais simples foi *confirmada* pelo conde A. de Gasparin, 1854; e a partir de então esses fenômenos foram *confirmados* também por astrônomos, matemáticos e químicos franceses de alto gabarito. O professor Thury, de Genebra, tornou a *confirmá-los* em 1855. No nosso próprio país, homens como o professor de Morgan, Dr. Lockhart Roberston, T. Adolf Trollope, Dr. Robert Chambers, S. Cox, o senhor C. F. Varley, e do mesmo modo o cético Comitê da *Sociedade Dialética*, também *confirmaram*, independentemente uns dos outros, boa parte daqueles fatos. E finalmente, vem o senhor William Crookes, da *Sociedade Real*, após quatro anos de investigações e de amplas experiências com dois dentre os mais antigos e mais notáveis médiuns do mundo, e de novo quase toda a série é *confirmada*!

Porém isto ainda não é tudo. Temos, por uma legião dos mais competentes observadores, a prova decisiva da fotografia: testemunha que não pode ser enganada, que não possui opiniões subjetivas, que é admitida em nossas cortes de justiça, e que prevalece contra quaisquer lembranças do que aconteceu, ou de opiniões sobre o que talvez tenha acontecido, ou teve de acontecer.

E contra esta esmagadora falange de provas incontestáveis e evidentes, o que é apresentado pela parte contrária? Somente suposições inadequadas e absurdas, sem conseguir refutar nem explicar um só fato de importância.

Mantenho, então, que os fenômenos do Espiritualismo, em sua totalidade, não precisam mais de confirmação. Estão provados, tão

plenamente como quaisquer outros fatos provados em outras ciências; e não é a negação ou o julgamento pouco meditado que poderá refutar nenhum deles, mas apenas novos fatos e deduções exatas sobre eles. Quando os adversários do Espiritualismo puderem apresentar um quadro com suas pesquisas, que se aproxime sequer ao dos defensores dele, em duração e plenitude; e quando puderem descobrir e mostrar detalhadamente o modo de produção dos fenômenos, ou o motivo pelo qual os muitos e sensatos homens que citamos acima foram induzidos por alucinação a acreditar que presenciaram esses fenômenos; e quando puderem provar que sua tese é a correta, produzindo uma crença semelhante em uma corporação de cétricos também sensatos e habilidosos – então, mas não antes, os espiritualistas precisarão de uma nova confirmação de fatos que são, e sempre foram, reais e indiscutíveis o suficiente para satisfazer qualquer pesquisador honesto e perseverante.

Sendo este o estado do caso quanto a evidência e provas, estamos plenamente justificados para ter os fatos do Espiritualismo moderno (e com eles a teoria espiritual, única sustentável) como completamente estabelecidos.

As lições que o Espiritualismo ensina podem ser divididas em duas ordens.

Temos, em primeiro lugar, que explica racionalmente vários fenômenos na história humana, que a ciência física tem se mostrado impotente para explicar e tem rejeitado ou omitido até agora; e em segundo lugar, derivamos dele certo conhecimento determinado sobre a natureza e destino do homem e, por consequência, um sistema ético de grande eficiência prática. A seguir, alguns dos mais importantes fenômenos da história e da natureza humana, dos quais a ciência não conseguiu dar explicação, mas que o Espiritualismo explica:

1 - Não vale pouco o fato de o Espiritualismo ser apto para reabilitar Sócrates como homem sensato, e o seu *demônio* como ser espiritual inteligente a acompanhá-lo por toda a vida; em outras palavras, um espírito guardião. O não espiritualista vê-se obrigado a considerar que um dos homens mais notáveis na história humana, não só estava sujeito durante toda a sua vida a uma ilusão mental, como também que ele era tão fraco, insensato e supersticioso, que não conseguiu descobrir jamais que aquilo era uma ilusão.

Vê-se obrigado a negar o fato asseverado pelos contemporâneos e pelo próprio Sócrates, de que seu *demônio* lhe anunciava realmente os perigos; a sustentar que esse homem nobre, de sagaz raciocínio e cético religioso, tão amado e venerado pelos grandes homens que foram seus discípulos, era engabelado pelas próprias ilusões, que jamais em sua vida conseguiu descobrir que eram mesmo ilusões, e que os anúncios recebidos tinham tanto de verdade como de enganação. Na verdade, é um alívio para a mente não precisar pensar coisas assim a respeito de Sócrates.

2 - O Espiritualismo permite acreditar que na Antiguidade nem todos os oráculos eram uma fraude, e que um povo inteiro, talvez o povo de mais perspicácia intelectual que já existiu, não era formado totalmente por néscios. Discutindo a questão do “por quê da profetisa Pítia não dar agora respostas do Oráculo em verso”, diz Plutarco que quando os reis e os estados consultavam o Oráculo sobre assuntos sérios que não podiam ser publicados sem prejuízo, as respostas estavam dissimuladas pela linguagem enigmática; porém, quando as pessoas perguntavam sobre suas próprias questões, conseguiam respostas diretas, nos termos mais claros, até o ponto de que muita gente reclamava por causa dessa simplicidade e precisão, como sendo indignas de uma origem divina. E acrescenta este positivo testemunho: “Suas respostas, mesmo sendo submetidas

ao mais severo dos escrutínios, jamais foram falsas ou incorretas. Muito pelo contrário, a confirmação delas tem enchido o templo de presentes, da própria Grécia e de países estrangeiros”; e ainda: “As respostas da Pitonisa vão direto à verdade. Ela jamais se deixou convencer pela mentira em um só caso sequer”. Se esses oráculos fossem meras conjeturas de impostores, um escritor como esse teria feito aquelas afirmações? O fato da decadência e extinção dos oráculos, fala em favor deles; porque, como poderia cessar a fraude à medida em que o mundo ficava menos ilustrado e mais supersticioso? Nem o fato de que os sacerdotes pudessem ser subornados algumas vezes para dar oráculos falsos, provaria nada contra testemunhos como o de Plutarco, ou contra a crença, por muitas gerações, sustentada por fatos que eram incessantemente reproduzidos, dos homens mais famosos da Antiguidade.

3 - O Antigo e o Novo Testamento estão repletos de espiritualismo, e somente os espiritualistas podem ler esses anais com uma crença ilustrada. A mão que escreveu no banquete de Baltasar, e os três homens ilesos do forno ardente de Nabucodonosor, são para eles fatos positivos que não precisam de explicação. A linguagem de São Paulo sobre “dádivas espirituais e provas aos espíritos”, é linguagem inteligível para eles, e o “dom de línguas” é simplesmente um fato.

Quando o Cristo lançou fora os “diabos” ou maus espíritos, ele assim o fez na realidade, não se limitou a tranquilizar momentaneamente um energúmeno; e a água transmutada em vinho, como o pão e os peixes renovados continuamente até que foram alimentados cinco mil homens, são fatos passíveis de serem acreditados como manifestações extremas de um poder que vem funcionando diariamente entre nós (17).

(17). Para mais informações sobre os chamados milagres explicados pelo Espiritismo, ver a obra de Allan Kardec, A Gênese, os milagres e as profecias

segundo o Espiritismo. cap. XV.

4 - A essa mesma categoria pertencem os milagres dos santos, quando são bem comprovados. Os milagres de São Bernardo, por exemplo, aconteceram muitas vezes em pleno dia e em presença de milhares de espectadores, e foram constatados por testemunhas oculares. Ele mesmo ficava sumamente perturbado, sem compreender, em seu espanto, o porquê de ter recebido aquele poder, e com medo de que colocasse sua humildade em perigo. Essa não é certamente a disposição mental de um entusiasta iluso, e o caráter de São Bernardo não era desse tipo.

O espiritualista não tem porquê deixar de acreditar que tudo isso tenha de fato acontecido, ou que São Francisco de Assis e Santa Teresa fossem elevados no ar, conforme declaram testemunhas oculares.

5 - A bruxaria e os processos que a ela se referem ganham novo interesse para o espiritualista. Ele fica apto para descobrir centenas de curiosas e detalhadas coincidências com os fenômenos que ele mesmo presenciou; e pode separar os *fatos*, das absurdas *inferências* que as pessoas imbuídas com a terrível superstição diabólica tiravam deles, falsas inferências às quais é devida a mania da bruxaria com todos seus horrores. O Espiritualismo, e somente ele, tem uma explicação racional para a bruxaria, e determina qual parte dela era um fato objetivo e qual outra era uma ilusão subjetiva.

6 - Os milagres católicos romanos modernos tornam-se fatos inteligíveis. Espíritos com afetos e paixões fortemente excitados a favor do catolicismo, produzem essas aparições da Virgem Maria e dos santos, cientes de que vão influenciar no crescimento do fervor religioso. A aparição em si mesma pode ser uma realidade objetiva; ao passo que é apenas uma inferência que seja a Virgem Maria – inferência que cada espiritualista ilustrado rejeitará como

extremamente improvável.

7 - A segunda visão, e muitas das chamadas superstições dos selvagens, poderiam ser realidade. É fato que o poder mediúnico ocorre com mais frequência e energia em países montanhosos; e como esses países são geralmente habitados por raças menos civilizadas, as crenças que lá prevalecem poderiam ser provenientes de fatos também prevalecentes e serem atribuídos sem razão à ignorância que, nesse caso, seria apenas uma coincidência. Os espiritualistas sabem que o ar puro e seco da Califórnia contribuiu para manifestações mais poderosas e surpreendentes do que em outros lugares dos Estados Unidos.

8 - A questão recentemente discutida sobre a eficácia da prece recebe do Espiritualismo uma solução perfeita. A prece muitas vezes pode ser respondida, mesmo não o sendo diretamente pela Divindade. E a resposta também não depende por inteiro da moralidade ou da religião do suplicante; no entanto, sendo que os homens de maior moralidade e religiosidade, e aqueles que possuem uma fé maior em uma resposta divina às suas preces, são aqueles que oram com mais frequência, diligência e desapego, atraem naturalmente grande número de seres espirituais que simpatizam com eles, os quais, no caso de estarem em presença do poder mediúnico necessário, terão condições e vontade para responder a essas preces.

Um caso proeminente é o de George Müller, de Bristol, que ao longo dos últimos 44 anos, tem dependido completamente, para seu próprio sustento e para a manutenção das suas admiráveis obras de caridade, da resposta às suas preces. Sua "Narração de algumas das ações do Senhor para com George Müller" (6ª edição, 1860) devia ser considerada como a última discussão; porque fornece uma prova bem melhor, de que a prece é realmente respondida às vezes, do que

aquela que poderia fornecer a experiência de hospital, que foi proposta por Henry Thompson.

Nessa obra vemos um quadro anual exato dos ganhos e despesas durante muitos anos. Jamais ele pediu, ou consentiu que alguém pedisse, direta ou indiretamente, nem um só centavo. Jamais houve subscrição ou coleta alguma; e, no entanto, desde 1880 (quando casou sem possuir renda alguma) ele tem vivido, educado uma família e estabelecido instituições que têm ido em constante aumento, até dar hoje educação e contribuir a boa parte do sustento de quatro mil crianças órfãs!

Por centenas de vezes aconteceu de não haver alimento em sua casa, nem dinheiro algum para comprar; ou de não haver animais, ou leite, ou açúcar para as crianças; e apesar disso, ele jamais pediu a crédito um pedaço de pão sequer, nem por um só dia; e ao longo dos trinta anos que abrange a sua narração, nem ele nem as centenas de crianças que dele dependiam para seu diário sustento, careceram jamais do alimento suficiente e cotidiano. Eles têm vivido, literalmente, sem nada além do indispensável para o momento presente, e seu único e exclusivo recurso tem sido a oração secreta!

Eis aí um caso que vem acontecendo em meio de nós desde quarenta anos atrás, e ainda continua: vem sendo exposto ao público faz muitos anos; e no entanto, homens eminentes sustentam uma acalorada discussão sobre se a prece é ou não respondida, sem que nenhum deles demonstre o menor conhecimento sobre esse fenômeno, o mais pertinente e ilustrativo!

O espiritualista explica tudo isso como influxo pessoal. Perfeita simplicidade, fé ilimitada, caridade e benevolência de George Müller, têm atraído em favor de sua causa muitos espíritos de natureza afim à sua; e seus poderes mediúnicos colocaram esses espíritos na condição de trabalhar para ele, induzindo outras pessoas a lhe

enviarem dinheiro, alimentos, roupas, etc., que, em todos os casos, chegavam por assim dizer, no último minuto. As inúmeras cartas que ele recebia junto com essas doações, descrevendo o súbito impulso que os doadores sentiam, de enviar a ele uma quantidade de dinheiro em certo tempo determinado, demonstram de um modo surpreendente a natureza do poder que está em ação.

Tudo isto seria explicável, se fosse parcial e de modo interrompido; porém tendo continuado a prover as necessidades diárias de uma vida de caridade exemplar, para as quais jamais foi feita uma provisão antecipada (porque Müller considerava que isso teria sido mostrar desconfiança em Deus), essa explicação não poderia abranger os fatos.

9 - O Espiritualismo nos permite compreender e classificar essa longa série de distúrbios e de fenômenos ocultos acontecidos antes das chamadas “manifestações espirituais modernas”. As obras de Robert Dale Owen relatam amplamente este tipo de fenômenos, corretamente descritos e filosoficamente abordados por ele. Não é este o lugar próprio para os referirmos detalhadamente; porém podemos citar um dentre eles que manifesta a vastidão dos mistérios inexplorados existentes, mesmo no nosso próprio país, antes do mundo ouvir falar em Espiritualismo Moderno. Em 1841 o Major Eduard Moor, da *Sociedade Real*, publicou um livrinho intitulado *Os sinos de Bealings*, narrando misteriosos toques de campainhas em sua casa de Great Bealings, Suffolk, que continuaram por cinquenta e três dias. Todos os esforços realizados, por ele, seus amigos e industriais do ramo, revelaram-se inúteis para descobrir a causa; não sendo possível ser reproduzido aquele rápido e estrepitoso bater de sinos nem mesmo a través dos esforços mais violentos. Ele relatou o caso aos jornais, pedindo informações que conduzissem a esclarecer o assunto; associadas a sugestões bem sisudas, sobre ratos ou algum

macaco, como causa eficiente, ele recebeu quatorze comunicações, todas elas relacionadas com casos de misteriosos toques de sinos em diversas partes da Inglaterra, muitos dos quais duravam muito mais tempo do que aqueles ouvidos na casa do Major Moor, e todos também inexplicados. Um deles durou dezoito meses; outro era no Hospital de Greenwich, onde sequer o encarregado de obras, o sineiro ou diversos cientistas conseguiram descobrir a causa.

Um sacerdote escreveu sobre graves perturbações em sua paróquia ao longo de nove anos, e podia recordar a existência das mesmas em sua própria casa por *sessenta anos*. Outro caso tinha durado vinte anos e podia ser recordado como existente desde um século atrás. Certos detalhes nestes casos são bem instrutivos. A explicação menos digna de crédito seria a fraude. O Espiritualismo fornece a explicação através de fatos análogos que acontecem a cada dia e fazem parte do grande sistema de fenômenos que demonstram a tese espiritual.

O livro do Major Moor é uma raridade; porém existe um bom resumo em *O Terreno Debatível*, de Owen, págs. 239-258.

Ensinaamentos morais do espiritualismo

É preciso explicar agora a teoria da natureza humana que se desprende do conjunto dos fenômenos, que está sendo ensinada, mais ou menos explicitamente, pelas comunicações provenientes dos espíritos, e que brevemente bosquejamos a seguir:

1 - O homem é uma dualidade consistente em uma forma espiritual organizada, que é desenvolvida simultaneamente com o corpo, penetrando-o por completo, e possui órgãos e desenvolvimentos correspondentes. ⁽¹⁸⁾

(18) Na realidade aqui Wallace estaria falando do “perispírito” corpo fluídico que envolve o espírito, para mais informações ver a introdução do já citado Livro dos Espíritos, de Allan Kardec. Também é preciso ter em conta, que dos espíritas ingleses não acreditavam em reencarnação.

2 - A morte é a separação dessa dualidade e não ocasiona mudança intelectual nem demora no espírito.

3 - O destino dos indivíduos é a evolução progressiva de sua natureza intelectual e moral; sendo formada a base da vida espiritual pelo conhecimento, experiência e aprimoramentos atingidos na vida terrena.

4 - Os espíritos podem comunicar-se através de médiuns propriamente dotados. São atraídos para aqueles que amam, ou com

quem simpatizam; e esforçam-se em adverti-los, protegê-los e influenciá-los para o bem, por impressão mental ou inspiração, quando não podem efetuar uma comunicação mais direta; porém, em virtude da cláusula segunda, suas comunicações são falíveis, e devem ser julgadas e testadas, como as de qualquer semelhante nosso.

As colocações anteriores sugerem várias perguntas e dificuldades, e para responder a elas, remetemos o leitor às obras de R. D. Owen, Hudson Tuttle, o professor Hare, e os anais quotidianos do Espiritualismo. Agora devo entrar em uma explicação mais minuciosa de como a tese conduz a um puro sistema de moralidade com punições bem mais poderosas e eficazes do que possa apresentar qualquer sistema religioso ou filosofia.

Talvez não seja possível introduzir esta parte do assunto senão por uma referência às observações do professor Huxley⁽¹⁹⁾ feitas em uma carta ao Comitê da Sociedade Dialética. Diz assim: “Mesmo supondo que os fenômenos sejam genuínos, não me interessam. Se alguém quiser me dotar com a faculdade de ouvir bate-papos de velhas e padres na cidade diocesana mais próxima, recusar-me-ia a aceitar esse privilégio, por ter melhores coisas para fazer. E se pessoas do mundo espiritual não falarem de um modo mais sensato e prático, daquele que é referido pelos seus amigos, vou colocá-las na mesma categoria”. Essa passagem, escrita com a sátira cáustica, à qual o bondoso professor se deixa arrastar de vez em quando, dificilmente poderá significar que se fosse provado que as pessoas realmente continuam vivendo após a morte, o fato não seria para ele interessante, simplesmente porque alguns dentre eles falam vulgaridades. Muitos homens de ciência negam a origem espiritual das manifestações, baseados em que espíritos verdadeiros, genuínos, não deveriam permitir-se a si próprios dizer as manuseadas trivialidades que formam o tema das comunicações espíritas

corriqueiras.

(19) Thomas Henry Huxley (1825-1895, biólogo britânico, ardente defensor da teoria da evolução das espécies darwiniana, e cético consumado. Curiosamente, Wallace é o co-criador daquela teoria junto com Darwin, e a História tem silenciado seu nome; os motivos para isto são vários: 1) não ser tão materialista como seu homólogo, visto sua teoria evolucionista diferir em certos pontos; 2) realmente essa teoria foi desenvolvida mais profusamente por Darwin, se bem isto não deveria ser motivo de impedimento para o nome de Wallace estar associado indissolúvelmente a ela.

Mas decerto o professor Huxley, como naturalista e filósofo, não considerava essa exigência razoável. Não sustenta ele a ideia de que não é possível existir efeito mental ou físico sem uma causa adequada? E de que os estados mentais, as faculdades e as peculiaridades que são resultado do desenvolvimento gradual dos hábitos de uma vida inteira, ou que foram herdados de antepassados, não podem ser mudados subitamente por nenhuma causa conhecida ou imaginável? E se (como o professor provavelmente admitisse) a grande maioria daqueles que partem diariamente desta vida são pessoas afeiçoadas ao bate-papo ocioso, pessoas que passam boa parte do seu tempo a perseguir propósitos baixos ou triviais, pessoas cujos prazeres são mais sensuais do que intelectuais, de onde poderia vir o poder transformador que subitamente e pela mera separação do corpo, as transformasse em seres capazes de apreciar e usufruir altos propósitos intelectuais? Isso seria um milagre, o maior dos milagres; e com certeza o professor Huxley é o último dos homens a contemplar inúmeros milagres como parte da ordem natural; e tudo isso para quê? Simplesmente *para livrar essas pessoas das consequências necessárias de terem esbanjado suas vidas*. Porque o ensinamento essencial do Espiritualismo é que todos e cada um de nós está contribuindo com cada ação e cada pensamento, a construir uma “*estrutura mental*” que virá a ser nosso próprio eu e a constituí-

lo depois da morte do corpo muito mais do que agora. E justamente conforme for bem ou mal fabricada essa estrutura, nossa evolução e nossa felicidade irão se acelerar ou retardar.

Estaremos mais ou menos adequados à nova vida onde entramos, exatamente em proporção ao desenvolvimento que tivermos dado à nossa natureza superior intelectual e moral, ou à inanição onde a fizemos cair pelo desuso, e por ter dado uma preferência indevida às faculdades que apenas nos asseguram o prazer meramente material ou egoísta. O nobre ensinamento de Herber Spencer ⁽²⁰⁾, de que os homens ficam melhor educados ao sofrerem as consequências naturais dos seus atos, é o mesmo ensinamento do Espiritualismo sobre a transição ao outro lado da vida. Não haverá prêmios nem punições impostas; cada um sofrerá as consequências naturais e inevitáveis de sua vida bem ou mal empregada.

(20) Herbert Spencer (1820-1903) naturalista, filósofo, sociólogo e psicólogo inglês que aplicou os conhecimentos da teoria evolucionista à incipiente psicologia científica.

Considera-se bem empregada aquela vida em que as faculdades que têm a ver com o nosso bem-estar pessoal físico, ficam subordinadas àquelas que têm a ver com nosso bem-estar intelectual e social, e ao bem-estar dos outros; e esse sentimento instintivo – tão universal e tão difícil de explicar – de que estas últimas faculdades são aquelas que constituem a nossa natureza superior, parece nos indicar a conclusão de que somos destinados a um estado onde as primeiras serão quase inteiramente desnecessárias e chegarão a transformar-se gradativamente em rudimentares pelo desuso; ao passo que as segundas receberão um desenvolvimento correlativo.

Segue-se então que, mesmo quando a insubstancial trivialidade de tantas comunicações não é nem um ápice mais interessante para os espiritualistas do que para o professor Huxley, e jamais é escutada voluntariamente, no entanto o fato de tais puerilidades serem faladas

(supondo-se que seja pelos espíritos), é ao mesmo tempo um fato que deveria ter sido previsto, e uma lição de profunda importância. Devemos lembrar também a índole das sessões onde são recebidas essas comunicações vulgares. Uma assembleia, miscelânea de crentes de diversos graus e preferências, a maioria dos quais somente busca uma noite de passatempo; e de céticos que consideram os outros como néscios ou velhacos, não parece a mais adequada para se atrair os mais elevados e refinados habitantes das esferas superiores, dos quais é preciso supor que estão interessados demais em sua nova e grande existência intelectual para desperdiçar sua atividade com uns e outros. Provado o fato de que essas pessoas, depois da morte, continuam falando com tão pouca sensatez como antes; mas que por se encontrarem em um estado onde a sensatez é mais importante para a felicidade do que aqui (onde os néscios levam vidas bem confortáveis), sofrem o castigo de terem negligenciado o cultivo da própria inteligência; e vendo-se tão fora do seu elemento, em um mundo onde todos os prazeres são mentais, procuram renovar seus passados tempos conversando com seus antigos parceiros, sempre que os meios de o fazer se apresentam; o professor Huxley não deixará de observar sua vasta importância como incentivo para essa educação superior que ele nunca se cansa de recomendar.

Com certeza, ele se interessaria por tudo aquilo que possui uma verdadeira tendência prática na condição presente e futura dos homens; e é evidente que mesmo esses baixos e desprezados fenômenos do Espiritualismo, “se são verdadeiros”, possuem essa tendência; e, combinada com seus ensinamentos mais elevados, constituem uma grande agência moral, que ainda pode regenerar o mundo.

Porque o espiritualista que por sua experiência diária obtém um

conhecimento absoluto sobre estes fatos relativos ao estado futuro; que sabe que justamente na medida em que ele se abandona às paixões, ao egoísmo, ou à exclusiva posse da riqueza, e descuida cultivar os afetos e os diversos poderes de sua mente, nessa mesma medida está preparando para si próprio, de um modo inevitável, a desgraça em um mundo onde não existem necessidades físicas para suprir, nem prazeres sensuais, exceto aqueles associados diretamente aos afetos e simpatias, nem ocupações que não tenham por finalidade a evolução intelectual e social; esse espiritualista vê-se impelido a uma vida intelectual, simpatizadora e pura, por motivos muito mais fortes do que aqueles que possam fornecer a religião ou a filosofia. Receia ceder às paixões ou à mentira, ao egoísmo ou à vida de luxuoso deleitamento físico; porque sabe que as naturais e inevitáveis consequências desse tipo de hábitos são a desgraça futura, precisando de uma longa e difícil luta para desenvolver de novo as faculdades cujo exercício, por força de uma dilatada paralisação, chegou a ser até doloroso para ele. Será afastado do crime pelo conhecimento de que suas imprevistas consequências poderiam causar-lhe eras de remorso; ao passo que as paixões nocivas que estimulam serão um perpétuo tormento para ele nesse estado do ser onde as emoções mentais não podem ser deixadas de lado nem esquecidas entre as ardentes lutas e os prazeres sensuais de uma existência material.

É preciso lembrar que estas crenças (diferente das crenças da teologia) possuem uma eficácia viva, porque dependem de fatos que acontecem a cada passo no círculo da família, reiterando constantemente as mesmas verdades como resultado do conhecimento pessoal, embutindo assim na mente, mesmo do mais obtuso, a absoluta realidade da existência futura, onde o grau de felicidade ou desgraça depende da *estrutura mental* que fabricamos

aqui com nossos pensamentos, palavras e atos a cada dia.

Compare-se este sistema natural e inevitável de retribuição, que se deriva completamente do desenvolvimento da nossa natureza superior intelectual e moral, e em proporção a esse mesmo desenvolvimento, com o arbitrário sistema, de prêmios e castigos derivando apenas de determinados atos e crenças que exibem todas as religiões dogmáticas, e ninguém poderá deixar de ver que o primeiro está em harmonia com a ordem toda da natureza, e que o segundo está em oposição a esta ordem. E, no entanto, chega-se a dizer que o Espiritualismo é em sua totalidade uma impostura ou uma ilusão, e que todos seus ensinamentos são produzidos pela atenção *expectante* e a *cerebração inconsciente*. Uma suposição assim ficaria refutada mesmo sendo a teoria do estado futuro o único resultado da longa série de fatos demonstrativos que expusemos.

E quando se considera que médiuns de todos os graus, sejam eles inteligentes ou ignorantes, e recebendo comunicações de diversos modos diretos e indiretos, estão absolutamente de acordo nos traços principais da teoria, como fica a grosseira falsidade de que nada se obtém por conduto dos médiuns, a não ser aquilo que eles conhecem e acreditam por si mesmos? Quase todos eles foram educados em alguma das crenças ortodoxas. Como pode ser, então, que as noções ortodoxas usuais sobre o céu jamais são confirmadas através deles?

Em vintenas de volumes e folhetos de literatura espiritualista que já li, nunca encontrei afirmação alguma de espíritos descrevendo *anjos alados ou harpas de ouro ou o trono de Deus*, ao qual o mais humilde dos cristãos ortodoxos acredita que será levado se de qualquer modo conseguir entrar no céu.

Não existe, entre as crenças religiosas mais divergentes, uma oposição tão radical como a existente entre as crenças em que foram educados quase todos os médiuns, e as doutrinas sobre a vida futura

expostas através deles; e não existe nada tão maravilhoso na história do pensamento humano, como o fato de que, seja nas remotas selvas da América ou nas aldeias camponesas da Inglaterra, homens e mulheres ignorantes, quase todos eles imbuídos de noções sectárias sobre o céu e o inferno, emitam a partir do momento em que surge neles o estranho poder da mediunidade, ensinamentos sobre aquele assunto muito mais filosóficos do que religiosos, e totalmente diferentes daquilo que estava gravado profundamente na sua inteligência.

E nada argumenta contra o fato de algumas das comunicações aparecerem como ditadas por espíritos católicos e protestantes, maometanos ou hindus: porque ao mesmo tempo que tais comunicações sustentam dogmas e doutrinas, confirmam, no entanto, os próprios fatos que em realidade constituem a doutrina espiritual, e que por si sós contradizem a teoria dos espíritos sectários.

O espírito católico romano, por exemplo, não se descreve a si mesmo como colocado no céu, no purgatório ou no inferno ortodoxos; o dissidente evangelista que morreu na firme convicção de que *iria a Jesus*, jamais se descreve como estando com o Cristo, ou dizendo que já conseguiu vê-lo; e, do mesmo modo, também os outros.

Nada é mais comum entre as pessoas religiosas que frequentam as sessões, do que fazer perguntas sobre Deus e sobre o Cristo. Como resposta, jamais obtêm nada além de opiniões, ou mais comumente a asseveração de que eles (os espíritos) não possuem acerca de tais assuntos outro conhecimento além daquele que possuíam na Terra.

De modo que todos os fatos encontram-se em harmonia; e a própria circunstância de existirem espíritos sectários, confirma em dois modos a verdade da teoria espiritualista: mostrando, por um lado,

que a mente com suas crenças arraigadas não muda de repente com a morte; e manifestando, por outro, que as comunicações não são reflexo da mente do médium, que muitas vezes é da mesma religião que o espírito que se comunica, e que vendo como as suas próprias ideias não são confirmadas, vê-se obrigado a se auxiliar da *influência satânica* para explicar essa anomalia.

A doutrina de um estado futuro e do preparo que conduz a ele, do modo como a temos desenvolvido, encontra-se nas obras de todos os espiritualistas, nas expressões de todos os sonâmbulos oradores, e nas comunicações através de todos os médiuns; e se o espaço disponível permitisse, isso seria provado aqui por inúmeras citações.

Porém forma e detalhe variam para cada uma; e justamente assim como o historiador procura opiniões e crenças de toda época e nação, juntando e comparando as opiniões dos seus mais notáveis e populares escritores, do mesmo modo os espiritualistas juntam e comparam as diversas afirmações sobre o assunto.

Eles sabem muito bem que não se deve depender completamente de quaisquer comunicações individuais. Sabem que elas são recebidas por um procedimento físico e mental complexo, e que em seu resultado existe a influência de quem dá e de quem obtém a comunicação; e só aceitam os ensinamentos relativos ao estado futuro do homem no caso de estarem confirmados substancialmente (mesmo diferindo em pormenores) por comunicações obtidas sob as mais várias circunstâncias, através de médiuns dos mais diversos caracteres e educação, em diversos tempos e afastados lugares. Costumam os neófitos supor que, uma vez satisfeitos de que as comunicações provêm dos seus amigos falecidos, podem acreditar nelas implicitamente e aplicá-las de um modo universal; como se o vasto mundo espiritual fosse forjado ao vácuo em um molde, em vez de ser, como com certeza é, mil vezes mais variado do que a

sociedade na Terra, seja hoje ou em qualquer tempo anterior!

O fato de não coincidirem as comunicações no tocante a condição, ocupações, prazeres e capacidades dos espíritos individuais, longe de ser uma dificuldade, como foi absurdamente imaginado, não é nada além do que se deveria esperar; porém, a coincidência dos traços essenciais daquilo que dissemos como formando a teoria espiritual sobre um estado futuro da existência, é mais palpável ainda e tende a estabelecer a teoria como uma verdade fundamental.

A tantas vezes repetida afirmação de ser o Espiritualismo a sobrevivência ou renovação de antigas superstições, é tão absolutamente infundada, que nem merece ser citada. Uma ciência da natureza humana, baseada em fatos observados, que somente apela a experiências; que não assume crenças sem provas; que insiste na investigação e na consciência de si mesmo como principais deveres em seres inteligentes; que assinala que a felicidade em uma vida futura pode ser conseguida cultivando e desenvolvendo até onde for possível as mais elevadas faculdades da nossa natureza intelectual e moral, e *de nenhum outro modo*; é sem dúvida alguma o inimigo natural de qualquer superstição.

O Espiritualismo é uma ciência experimental, e fornece a única base segura para uma filosofia verdadeira e para uma religião pura. Suprime as palavras “*sobrenatural*” e “*milagre*”, amplia a esfera da lei e o domínio da natureza; e assim, recolhe e explica o que existe de verdadeiro nas chamadas superstições e nos pretensos milagres de todos os tempos. Ele, e somente ele, consegue harmonizar as crenças contrárias; e irá conduzir finalmente à concórdia da espécie humana em matéria religiosa, que por tantas eras tem sido fonte de incessante discórdia e de incalculáveis desgraças; e poderá fazê-lo, porque apela para a evidência antes que para a fé, e substitui opiniões por fatos, mostrando-se assim apto para demonstrar a

origem de boa parte dos ensinamentos que os homens com tanta frequência têm considerado como divinos.

Vê-se, então, que aqueles que não podem, sobre a utilidade do Espiritualismo “*mesmo sendo verdadeiro*”, conceber um conceito mais elevado do que descobrir crimes ou predizer quem vai ganhar as corridas do Derby, não só provam sua própria ignorância sobre todo esse assunto, como também exibem em grau muito notável aquela paralisia parcial da mente, resultado de um século de pensamento materialista, que inabilita tantos homens para conceber seriamente a possibilidade de uma continuação natural da vida humana após a morte do corpo.

Vê-se também que o Espiritualismo não é uma mera “curiosidade” fisiológica, nem uma mera “lei natural” ignorada; e sim uma ciência de vasta extensão, com as mais amplas, importantes e práticas soluções, e que tendo esse caráter deve atrair as simpatias de moralistas, filósofos e políticos, e de todos aqueles que se interessam de coração pelo aprimoramento da sociedade e pela elevação permanente da natureza humana.

Ao concluir esta exposição, necessariamente imperfeita mesmo sendo um pouco dilatada, de um assunto que muito provavelmente é bem pouco conhecido dos leitores da “*Revista Quinzenal*”, pedirei a eles encarecidamente que não fiquem satisfeitos com uma crítica minuciosa de fatos isolados cujos comprovantes, na minha breve resenha, podem ser imperfeitos; e sim pesem cuidadosamente a soma de evidências que aduzi, considerando sua vasta extensão e variada abrangência. Pedirei que observem mais os resultados produzidos pela evidência, do que a evidência propriamente dita, talvez por mim mal apresentada; que considerem a longa lista de homens de habilidade que, tendo começado a investigação como céticos, chegaram ao final acreditando; e de fazer para com esses

homens a justiça de não terem poupado, durante os anos de paciente indagação, as dificuldades que é fácil de se supor.

Recomendaria que meditassem bastante sobre o fato de que nenhum investigador diligente chegou jamais a uma conclusão adversa sobre a realidade dos fenômenos; e que nenhum espiritualista renunciou a eles por achar que fossem falsos.

E finalmente, pedirei a eles para se deterem na longa série de fatos na história humana, que o Espiritualismo explica, e na nobre e satisfatória teoria que ele desenvolve sobre uma vida futura. Se assim o fizerem, confio em que o resultado perseguido por mim será conseguido: ou seja, afastar as preocupações e ideias falsas que têm rodeado todo este assunto, e incitar a fazer um exame imparcial e perseverante dos fatos. Porque o princípio básico do Espiritualismo é que cada um deve encontrar a verdade por si mesmo. Ele não pretende ser aceito *de ouvidas*; muito pelo contrário, pede não ser rejeitado sem uma investigação corajosa, paciente e honesta.

Quem foi Alfred Russel Wallace?

Jáder Sampaio

(*) Publicado em Reformador, Rio de Janeiro, v. 121, n. 2097, dez. 2003, p. 474-479.

Portal: [Espiritismo Comentado](#)

Alfred Russel Wallace nasceu em 08 de janeiro de 1823, na cidade de Usk, Monmouthshire, Inglaterra. Ele tinha dois irmãos mais velhos (William e John), duas irmãs mais velhas (Eliza e Frances), e viria a ter um irmão mais novo, Herbert Edward.

Teve uma infância difícil e ainda adolescente foi trabalhar com William, que se tornara carpinteiro, em Londres. Nesta época, a diversão deles era freqüentar o “Hall of Science” durante a noite. Esta instituição era uma espécie de clube onde se jogava dominó, bebia-se café e ouviam-se palestras sobre os ensinamentos de Robert Owen. Dentre as muitas idéias do Owenismo, a sua visão de religião é brevemente descrita por Peter Raby na frase abaixo:

“A única religião benéfica era a que inculcava o serviço à humanidade, e cujo único dogma fosse a irmandade do homem” (Raby, 1991. p. 15)

Ele estudou nos Mechanical Institutes de Kington e Neath, sempre valorizando os estudos e a ciência. Em 1843, Thomas Wallace (Pai de Alfred) faleceu e a família teve suas dificuldades financeiras aumentadas. O jovem Alfred foi trabalhar como professor de mapas no Collegiate School of Manchester, recebendo um salário modesto de 30 a 40 libras por ano.

Ainda jovem leu as narrativas de viagens de Humboldt e o trabalho de Malthus que o impressionou bastante pelo raciocínio indutivo e capacidade de síntese.

Dois anos depois, o irmão mais velho de Wallace, William, faleceu de pneumonia. Alfred deixou o emprego e mudou-se para Neath para cuidar dos negócios do falecido. Ali ele pôde dedicar-se parcialmente à botânica. Ele convenceu John a vir morar com ele, o que ocorreu em 1846 e depois sua mãe e o irmão mais novo, Herbert. Eles alugaram um pequeno sítio, que ficava a cerca de uma milha do centro da cidade. Ele e o irmão participaram da construção do novo Instituto de Mecânica em Neath, que foi inaugurado oficialmente em 1848. Ele tornou-se curador do “Neath Literary and Philosophical Institute”, que ele considerava um pequeno museu com pouco recurso disponível para a aquisição de livros.

Wallace Naturalista

Em viagem à França com sua irmã, Wallace visitou museus, livrarias e o “Jardin des Plantes”, o que fez com que ele ficasse insatisfeito com a coleção que ele estava fazendo, por ter apenas espécimes locais. Isto, somado aos seus interesses teóricos, o fez desejar viajar para fora da Inglaterra.

O jovem Alfred veio à Amazônia em 1848, sem salário e acompanhado por seu irmão, Herbert. Ele coletou na floresta tropical variados tipos de plantas, insetos, aves e outros animais. Desembarcou em Salinópolis em maio de 48 e viajou por Belém do

Pará, Manaus e por localidades do Rio Negro, fazendo suas capturas de animais e vegetais. Para se ter uma idéia do trabalho de Wallace, em sua primeira remessa ele enviou cerca de 1300 espécies diferentes de animais e de plantas.

Herbert contraiu febre amarela em Belém e faleceu com 22 anos, em junho de 1851, deixando Alfred muito abatido. Enquanto estava no Rio Negro, Alfred também adoeceu gravemente, mas recuperou-se para voltar às ilhas britânicas e constatar a perda de muitas das caixas que enviou, em decorrência de tempestades e outros contratemplos.

Uma vez na Inglaterra, Alfred R. Wallace foi aceito como pesquisador visitante na Sociedade Entomológica, onde fez duas conferências. Ele escreveu “Travels on Amazon and Rio Negro” e imprimiu 250 volumes.

Wallace desejava fazer outra viagem, e planejou uma segunda expedição para o Arquipélago Malaio, onde ficou por oito anos. Ele chegou em Singapura em abril de 1854 e iniciou uma extensa exploração das ilhas em busca de espécimes diversos.

Segundo Raby (2000, p. 132), desde 1838 Wallace já propunha a luta pela sobrevivência como causa da mudança das espécies no processo evolutivo, idéia que lhe ocorreu a partir da leitura de Malthus. Quatro anos depois ele escreveu um resumo de suas idéias em 35 páginas, que foram crescendo até o verão de 1844, quando já havia escrito um volume de 230 páginas.

Apenas em 1855 iniciar-se-ia a correspondência entre Wallace e Charles Darwin, devido ao seu interesse comum nos temas ligados à teoria da evolução. Em 58 Darwin recebeu uma carta de seu par que o assustou bastante, porque nela se via a teoria da seleção natural, que até então Darwin acreditava que fosse originalmente sua. Os dois naturalistas passaram a trocar correspondência regularmente, e

entendo que vieram a ser bons amigos.

Em 1858, as idéias dos dois naturalistas foram apresentadas em um encontro da “Linnean Society”, em uma mesa que continha também uma carta da naturalista americana Asa Gray. O trabalho de Wallace denominava-se “Sobre a tendência das variedades de se afastar indefinidamente do tipo original”. As comunicações foram apresentadas na ordem cronológica, o que mostrava a preocupação dos naturalistas na Inglaterra em mostrarem que Darwin não houvera roubado nenhuma idéia de Wallace. Como Alfred encontrava-se no arquipélago Malaio, seu trabalho foi lido por um dos naturalistas envolvido com o evento.

Darwin enviou as provas do livro que o celebrizou, “A Origem das Espécies” para a avaliação de Wallace, no ano seguinte.

Wallace leu com admiração ao trabalho, e Raby (2000, p. 151) transcreveu um comentário que Alfred fez do livro a seu correspondente George Silk, onde afirmava:

“O Sr. Darwin deu ao mundo uma fiova ciêficia, e seu nome devia, na minha opinião, ser colocado acima do de todos os filósofos dos tempos antigos ou modernos.”

A publicação do livro fez com que Wallace desistisse de publicar o seu próprio livro de teoria. Muito recentemente alguns escritores, com base no sumiço da correspondência de Charles Darwin, Alfred R. Wallace, Charles Lyell e Hooker, trocada pouco antes da famosa comunicação conjunta na “Linnean Society”, aventaram a hipótese de Darwin ter-se apropriado indevidamente das idéias de Wallace para a solução de problemas que não houvera resolvido em sua teoria. Esta idéia, entretanto, continua sendo apenas especulação e possibilidade.

Alfred R. Wallace retornou à Inglaterra de sua grande viagem em abril de 62. Neste período ele participou ativamente de debates

sobre a origem do homem, tema sobre o qual Darwin se resguardava de discutir, possivelmente por suas implicações religiosas e políticas. Em 66 ele se casou com a Srta. Annie Mitten com quem viveu por longos anos. A vida intelectual de Wallace foi muito prolífica. Entre livros, artigos e entrevistas, Wallace realizou mais de 750 publicações. Os livros mais citados de Wallace em assuntos relacionados à Biologia são:

- Darwinismo (1889)
- O Arquipélago Malaio (1869)
- A distribuição geográfica dos animais (1876)
- A Vida Insular (1880)
- A Natureza dos Trópicos e Outros Ensaio (1878)
- Contribuições à Teoria da Seleção Natural (1870)

Wallace foi premiado diversas vezes por seus trabalhos e se tornou membro das Sociedades Científicas Inglesas mais iminentes em sua área, dentre elas a “Zoological Society”, a “British Ornithologists Union”, a “Linnean Society” e a “British Society for the Advancement of Science”. Tornou-se presidente da “Entomological Society” em 1872.

Como cientista ele expôs-se em situações polêmicas, como na condenação da vacinação que entendia ser um equívoco da medicina “que o futuro não tardaria em mostrar”, na defesa da frenologia e ao aceitar o desafio público que um leigo havia lançado com relação ao relevo das ilhas, que Wallace venceu, ganhando uma soma em dinheiro adicionada ao desafeto do adversário.

Wallace Espiritualista

Alfred R. Wallace foi introduzido ao pensamento de Robert Owen em sua juventude, como já o dissemos. De uma certa forma, a influência de Owen incentivou o seu gosto pelos estudos e pelas

ciências. Ainda como professor em Leicester assistiu a uma conferência sobre mesmerismo, dada por Spencer Hall, que o levou a fazer experimentos com seus alunos, obtendo resultados que o impressionaram e marcaram o início das pesquisas que o conduziram ao exame dos fatos do espiritualismo.

Em suas viagens pela Amazônia e pelo arquipélago malaio ele não se esqueceu dos seus estudos mesméricos. No Pará, seu irmão Herbert fez alguns experimentos com índios e com a população local, e os biógrafos relatam que ele levou curumins ao estado de transe profundo. Alfred paralisou o braço de um homem de sua idade, empregando as técnicas de magnetização que ele conhecia. Nas correspondências que trocava com os seus amigos e familiares foi informado da onda espiritualista que havia sido criada pelas viagens de médiuns norte americanos pela Europa. No início dos anos 50, a Sra. Hayden converteu Robert Owen ao Espiritualismo Moderno e isto pode ter afetado a Wallace, que se interessou por realizar pesquisas sobre a mediunidade quando retornasse às ilhas britânicas.

Smith (2002) entende que ele se converteu ao Espiritualismo em meados de 1866, e permaneceu espiritualista até o final de seus dias tendo realizado mais de 100 publicações sobre o assunto. Raby (2001) afirma que a sua irmã Fanny já era uma espiritualista ativa, e que isto o influenciara, entretanto não há como negar o interesse de Wallace pelo Owenismo desde a juventude, assim como suas incursões pelo mesmerismo e pela frenologia, o que mostra uma trajetória pessoal anterior à influência de Frances Wallace. Outra influência clara que se pode ler em um outro trabalho de Wallace é a da epistemologia dos empiristas ingleses, que postulavam a observação como base da construção do conhecimento, bem como do seu naturalismo. Este tipo de metodologia seria a escolhida por

Alfred para o estudo dos fenômenos considerados espirituais bem como para o debate que realizou com os céticos durante o resto de sua vida.

O próprio Wallace explica sua conversão às idéias espiritualistas na entrevista que é transcrita abaixo:

“Quando voltei do exterior em 1862, li sobre o Espiritualismo, e, como a maioria das pessoas, achei que fosse tudo fraude, ilusão, estupidez. Eu encontrei pessoas, aparentemente inteligentes e sadias, que me asseguraram que haviam experienciado coisas maravilhosas. A Sra. Marshall era uma médium conhecida em Londres àquela época, e após um exame detido fiquei convencido que os fenômenos associados a ela eram perfeitamente genuínos. Mas levei três anos de investigações subseqüentes para satisfazer-me de que eles eram produzidos por espíritos”. (Dawson, 1898)

Peter Raby conduziu sua biografia de Wallace mostrando como a idéia do espiritualismo era mal recebida pelos círculos científicos da época e, de certa forma, tentando explicar como um homem como ele teria sido crédulo o suficiente para defender estas idéias. A leitura da obra de Wallace mostrou-nos que ele trabalhou como um naturalista em assuntos espiritualistas. Ele leu a literatura disponível à sua época e sociedade, realizou pesquisas diversas, criou mecanismos de identificação de fraude e tentou sensibilizar seus pares para o tema, tendo sido mal recebido e interpretado na maioria das vezes em que o fez. Isto não o fez desanimar, o que foi interpretado por Raby como um traço obsessivo, em outras palavras, sua convicção foi entendida como sendo teimosia.

Como o leitor poderá ler com mais detalhes neste livro, Wallace fez contato com pessoas do seu círculo de relação que se interessavam pelo Espiritualismo. Inicialmente assistiu a algumas sessões promovidas pela Sra. Marshall, uma médium profissional, onde pode assistir a fenômenos de mesas girantes e “raps”. Posteriormente ele promoveu sessões de pesquisa em sua própria residência,

controlando com rigor o ambiente e buscando obter fenômenos que o permitissem sustentar a hipótese espiritualista ante as outras hipóteses concorrentes em voga, propostas por pessoas que buscavam dar uma explicação diversa aos fenômenos.

O livro “O aspecto científico do sobrenatural” foi publicado em 1866 e em 1871 ele escreveu e leu um trabalho chamado “Uma resposta aos argumentos de Hume, Lecky e outros contra os milagres” para a Dialectical Society. Nesta época, Crookes estava realizando suas pesquisas com o médium Daniel D. Home. Wallace se tornou um defensor das idéias espiritualistas, como no episódio onde escreveu para uma revista, um artigo de seis páginas, contrapondo-se a um trabalho de Tyndall, que contradizia a opinião de que Daniel Dunglas Home, conhecido médium de materializações, não havia sido devidamente investigado.

Uma das médiuns que Wallace pesquisou foi a Sra. Guppy (ex- srta. Nichols), que possuía faculdades de efeitos físicos. Em março de 1874 ele identificou a mãe em duas das fotos obtidas. Raby considera improvável a existência anterior de alguma fotografia da Sra. Guppy junto à família.

Neste mesmo ano Wallace publicou no “Fortnightly Review” um grande ensaio denominado “A Defesa do Espiritualismo Moderno”. Este ensaio mais os dois anteriores foram unidos em um livro que se chamou “Milagres e o Espiritualismo Moderno” e que foi publicado em março de 1875. Este livro teve diversas publicações posteriores, às quais foram adicionados outros trabalhos. A última edição que temos notícia foi a de 1970.

O médium Henry Slade, em viagem pela Europa, realizou sessões pagas na Inglaterra a partir de setembro de 1876, quando teve suas faculdades estudadas por diversos pesquisadores como o Prof. Barrett, o Rev. Stainton Moses, Serjeant Cox, o Dr. Carter Blake e o

próprio Wallace. Ele foi acusado de fraude pelo Prof. Ray Lankester (biólogo), que fez uma carta denúncia para o jornal *The Times*, acusando-o de tomar dinheiro de modo fraudulento. O caso foi parar na barra dos tribunais, e Wallace partiu em defesa do médium, reafirmando suas faculdades, relatando as demais observações realizadas com ele por outros pesquisadores e explicando a posição de Lankester com a seguinte sentença:

“O professor Lankester foi com a firme convicção de que tudo o que ia assistir era impostura e, assim, pensa que viu imposturas.” (Wallace apud Doyle, s.n. p. 241)

Mesmo com a defesa realizada pelos espiritualistas, e a circunstancialidade das acusações, Slade foi condenado com base na lei da vagabundagem inglesa. Doyle dá alguns detalhes sobre o processo, deplorando a forma como o juiz julgou e sentenciou o médium americano.

O fato de Wallace ter-se unido aos espiritualistas ingleses na defesa do médium teve implicações em sua vida profissional, uma vez que o próprio Lankester o denunciou aos seus pares da Sociedade Britânica para o Progresso da Ciência de ter “degradado as discussões da sociedade pela introdução do espiritualismo”. Esta acusação se baseou em uma comunicação de William Barrett onde ele defendia a existência da telepatia e referia-se a fenômenos mesméricos e espiritualistas, que havia sido aprovada para um encontro da referida sociedade. A aprovação da comunicação se deu na sub-seção antropológica, com um voto de Minerva dado por Wallace, que era presidente da seção biológica.

Toda esta publicidade negativa fez com que Wallace não fosse eleito secretário da Sociedade Britânica para o Progresso da Ciência. Estes eventos também dificultaram a concessão posterior de uma pensão do Governo Britânico, numa época em que ele passava por dificuldades financeiras. Ele houvera escrito a Arabella Buckley,

secretária de Lyell, solicitando-lhe ajuda para conseguir algum emprego que o permitisse sustentar a sua família. Ela solicitou a Darwin que o indicasse para receber uma pensão do governo. Darwin iniciou uma série de consultas a seus pares, que hesitaram em fazer uma recomendação de Wallace ao burocrata responsável, em decorrência dos eventos polêmicos e de sua adesão ao Espiritualismo, como se pode ler no seguinte trecho da correspondência de Hooker:

“Como pode um homem pedir a seus amigos que assinem tal solicitação? Além disto, que governo pode honestamente ser informado que o candidato é um público e destacado Espiritualista!” (RABY, 2001. p. 222)

Sem saber do acontecido, Wallace submeteu os textos de seu livro “Vida Insular” a Hooker, acatou as suas sugestões e lhe fez uma dedicatória. Ao conhecê-lo melhor, como homem e como cientista, o pesquisador mudou de opinião e escreveu a Darwin incentivando-o a continuar com o pedido de pensão para Wallace, que foi concedida em 1881, tornando a vida de Wallace um pouco mais tranqüila.

Cinco anos depois Wallace viajou a Nova York para fazer conferências e fez visitas a três sociedades espiritualistas norte-americanas, em Boston, Washington e São Francisco (FODOR, s.n.). Ele assistiu a sessões e fez contatos com os espiritualistas norte-americanos. Nesta viagem ele encontrou-se com o conhecido psicólogo William James em diversas ocasiões. Em uma delas assistiu a sessões de materialização com a Sra. Ross, onde apareceram muitas pessoas e objetos, como um índio, um rosto de bebê, que ele beijou, etc. Em uma outra sessão ele identificou um primo, Alg. Wilson.

Houve uma acusação de fraude da médium, e Wallace escreveu em sua defesa em uma carta publicada no jornal “Banner of Light”. Nesta época Wallace publicou um artigo chamado “Estão os Fenômenos do Espiritualismo em Harmonia com a Ciência?”, mas os biógrafos não se entendem quanto à data e lugares desta publicação. Raby e Fodor

dizem que ocorreu em 1886 no “Banner of Light”. Smith afirma que foi publicado originalmente em 1885 no jornal Sunday Herald, de Boston e depois republicado com pequenas modificações no periódico “The Médium and Daybreak” em dezembro de 1885. De qualquer forma, o texto em inglês pode ser lido no endereço www.wku.edu/~smithch/s379.htm.

Wallace prosseguiu com suas publicações espiritualistas até o seu falecimento em 7 de novembro de 1913. Alguns de seus artigos acham-se publicados na página de Smith, mas foge ao objetivo deste pequeno esboço biográfico apresentá-los à exaustão. Deixamos ao leitor apenas mais uma referência, a de um artigo intitulado “Espiritualismo e Trabalho Social”, publicado em 1898 na revista espiritualista “Light” e que pode ser acessado no endereço: www.wku.edu/~smithch/s545.htm. Alfred Russel Wallace enfrentou a intolerância de uma época, intolerância contra sua origem social, contra sua religião e mesmo contra a sua honestidade científica. De alguma forma somos herdeiros do seu trabalho e por esta razão consideramos importante homenageá-lo trazendo à luz aquilo que fez de melhor enquanto encarnado: compreender.

Referências

DAWSON, Albert (?). **A visit to Dr. Alfred Russel Wallace, F.R.S.** [online] Disponível na Internet no endereço <<http://www.wku.edu/~smithch/S738.htm>>. [Originalmente publicado em janeiro de 1898].

DOYLE, Arthur C. **História do Espiritismo**. São Paulo: Pensamento, s.n.

FODOR, Nandor. Encyclopedia of Psychical Sciences.

RABY, Peter. **Alfred Russel Wallace: A Life**. New Jersey: Princeton University Press, 2001.

SMITH, Charles. **The Alfred Russel Wallace Page [online]** Modificado em 06 de fevereiro de 2002. Disponível na Internet no endereço <<http://www.wku.edu/~smithch/index1.htm>>.

WALLACE, A. R. **Miracles and modern spiritualism**. New York: Arno Press, 1975.

Publicado em Reformador, Rio de Janeiro, v. 121, n. 2097, dez. 2003, p. 474-479.

